

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS DE VIDA E MORTE:
cognição, cultura e linguagem

RICARDO YAMASHITA SANTOS

NATAL / RN
2011

RICARDO YAMASHITA SANTOS

CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS DE VIDA E MORTE:
cognição, cultura e linguagem

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de Concentração: Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio Costa

NATAL / RN
2011

CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS DE VIDA E MORTE:
cognição, cultura e linguagem

POR

RICARDO YAMASHITA SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de Concentração: Linguística Aplicada.

NATAL/RN
2011

RICARDO YAMASHITA SANTOS

CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS DE VIDA E MORTE:
cognição, cultura e linguagem

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção de título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de Concentração: Linguística Aplicada.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Antonio Costa
Orientador

Profa. Dra. Solange Coelho Vereza
Examinadora Externa

Prof. Dr. Paulo Henrique Duque
Examinador Interno

Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi de Macedo
Suplente Externo

Prof. Dr. Luis Álvaro Sgadari Passeggi
Suplente Interno

Ao Mestre, de ontem, de hoje e de sempre, com carinho.

Aos meus familiares,
daqui e da eternidade.

AGRADECIMENTOS

Ao Mestre Marcos Antonio Costa, pelas orientações cotidianas, sobretudo, amizade inigualável, que me acompanha nas veredas da vida, por vezes severinas, por vezes festivas.

Ao professor Paulo Henrique Duque, pelas observações pertinentes de um docente e amigo, para todos os momentos.

À professora Solange Coelho Vereza, pela honra concedida em participar de minha defesa.

Ao professor Luis Álvaro Sgadari Passeggi, pela colaboração de sempre.

À professora Maria das Graças Soares Rodrigues, pela confiança e conhecimento passado.

A todos os professores pelos quais tive a honra de conhecer durante minha vida acadêmica nesta instituição. Todos, sem exceção, contribuíram decisivamente para o meu desejo de continuar minha formação acadêmica: Sylvia, Penha, José da Luz, João Neto, Marluce, Hozanete, Sulemi, Maria do Carmo, Marco Martins, Alice, Janaína, Izabel, Henrique, Hermenegildo, Fávero, Francisco Ivan e tantos outros que me fogem às lembranças.

Aos colegas de Pós-Graduação, Giezi, Vanilton, Elisabeth, Emanuelle, Natália, Nelson, Emiliana e tantos outros que trilharam comigo dias de labuta e felicidade.

Ao Grupo de Pesquisa Cognição e Práticas Discursivas, do qual faço parte.

Aos funcionários do Departamento de Letras, pelas orientações e amizade.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, pelas informações, amizade e prestações precisas.

Aos meus familiares, pais, tios e avós. Bases morais e vitalícias.

À Ilana, que se une a mim em todas as situações de vida. Fonte de luz, paixão e inspiração.

RESUMO

Nesta pesquisa, buscamos evidenciar os aspectos cognitivos e culturais subjacentes às metáforas presentes em um *corpus* literário. Partimos da premissa de que nosso entendimento acerca do mundo é construído sociocognitivamente, sendo a metáfora um elemento-chave dessa construção. Desse modo, pretendemos, sob o olhar teórico da Teoria Cognitiva da Metáfora, constatar, a partir da análise do poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, que as metáforas de VIDA e MORTE, inferíveis no *corpus* em questão, formam Padrões Discursivos, denominados por nós como Blocos Construcionais. Tais metáforas estão no nível conceptual de nossa linguagem, formuladas através de Modelos Cognitivos Idealizados, e evidenciam as inter-relações entre linguagem, cultura e cognição. Percebemos uma rede de integração que envolve as chamadas metáforas primárias, formuladas a partir de esquemas e domínios conceptuais, e as metáforas congruentes, que envolvem a noção de *frame*.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Cognição. Cultura.

RESUMEN

En esta investigación, tratamos de poner de relieve los aspectos cognitivos y culturales que subyacen a las metáforas en el lenguaje. Partimos de la premisa de que nuestra comprensión a cerca del mundo se construye socio-cognitivamente, sendo la metáfora un elemento clave de esta construcción. Por lo tanto, tenemos la intención de mirar debajo de la teoría de la Teoría Cognitiva de la Metáfora, visto desde el análisis del poema *Morte e Vida Severina*, de *João Cabral de Melo Neto*, la metáfora de la vida y muerte, inferíeis en el *corpus* forma patrones discursivos, llamado por nosotros como el Construccinismo del Bloques. Estas metáforas se encuentran en el nivel conceptual de nuestro lenguaje, emitido por modelos cognitivos idealizados, y mostrar las relaciones entre la lengua, la cultura y la cognición. Vemos una red de integración que implica la metáfora primaria llamada, elaborado a partir de los esquemas y los dominios conceptuales y metáforas congruentes, con la participación de la noción de marco.

PALABRAS CLAVE: La metáfora. La cognición. La cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: Linguística Cognitiva	17
1.1 – Categorização	20
1.2 – Corporalidade	23
1.3 – Modelos Cognitivos Idealizados	24
1.3.1 – Esquemas Imagéticos	25
1.3.1.2 – Esquemas Associados	29
1.3.2 – Frames.....	30
1.3.3 – Gestalt.....	32
1.4 – Padrões Discursivos	33
1.4.1 – Blocos Construcionais	35
CAPÍTULO 2: A Metáfora	37
2.1 – A Metáfora como um processamento cognitivo	40
2.2 – A Teoria Cognitiva da Metáfora e a Cultura: universais e variações	44
2.3 – A Metáfora como rede de integrações	46
2.4 – A Metáfora como Modelo Cognitivo e os conceitos de vida e morte	47
CAPÍTULO 3: ESTADO DA ARTE	50
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA	53
CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS DADOS	55
5.1. – Bloco Construcional 1	55
5.2. – Bloco Construcional 2	59
5.3. – Bloco Construcional 3	61
5.4. – Bloco Construcional 4	62
5.5. – Bloco Construcional 5	64
5.6. – Bloco Construcional 6	65

5.7. – Bloco Construcional 7	67
5.8 – Bloco Construcional 8	68
CONCLUSÕES	71
REFERÊNCIAS	75

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURAS

Figura 1: Relação de semelhança de Givón	23
Figura 2: Esquema CONTÊINER	26
Figura 3: Esquema PARTE/TODO	26
Figura 4: Esquema LIGAÇÃO	27
Figura 5: Esquema CENTRO/PERIFERIA	27
Figura 6: Esquema ORIGEM/CAMINHO/META	28
Figura 7: Esquema ESCALA	28
Figura 8: Esquemas associados	29
Figura 9: Mapeamento entre domínios	42
Figura 10: Esquema LIGAÇÃO	56
Figura 11: Esquema PARTE/TODO	56
Figura 12: Mapeamento SUJEITO SERTANEJO É MODO DE VIDA	57
Figura 13: Mapeamento SUJEITO SERTANEJO É MODO DE MORTE	57
Figura 14: Esquema ORIGEM/CAMINHO/META.....	59
Figura 15: Mapeamento metafórico MORTE	60
Figura 16: Mapeamento metafórico MORTE	62
Figura 17: Mapeamento MORTE	63
Figura 18: Esquema CONTÊINER	64
Figura 19: Mapeamento MORTE	65
Figura 20: Mapeamento VIDA	66
Figura 21: Mapeamento VIDA.....	68
Figura 22: Esquema ESCALA	69
Figura 23: Mapeamento VIDA	69

QUADROS

Quadro 1: Tipos de corporificação	34
Quadro 2: Metáforas primárias	44
Quadro 3: Recorrência das metáforas primárias	72
Quadro 4: Metáforas primárias e congruentes	74

*Cuando se oye una palabra, se activa en el
cérebro su marco. [...]*

*La palabra se define con relación con esse
marco. Cuando negamos un marco, evocamos
esse marco.*

George Lakoff.

INTRODUÇÃO

*Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.*

João Cabral de Melo Neto

Nosso trabalho se insere no campo dos estudos cognitivos, mais precisamente no contexto da Linguística Cognitiva (LC). Partimos da proposta de Lakoff e Johnson (1980/2002, 1999), Lakoff (1987), Kövecses (2005), Oakley, Grady e Coulson (1999), Grady (1997), dentre outros pesquisadores da LC que advogam ser a metáfora um elemento central do discurso, apresentando-se como um fenômeno, simultaneamente, linguístico, conceptual e sociocultural. Tomando como suporte empírico os dados coletados a partir da leitura de um texto literário, objetivamos evidenciar tais caracterizações acerca da metáfora, levando em conta, ainda, as variações culturais que podem ser observadas em decorrência da análise de construções metafóricas específicas.

Esses aspectos são considerados pela Teoria Cognitiva da Metáfora (TCM), que encontra subsídios na Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980/2002), na proposta de metáforas primárias formulada por Grady (1997), na interface entre metáfora e cultura na formação das metáforas congruentes, proposta por Kövecses (2005), bem como nas ideias de outros autores provenientes da LC que, conjuntamente, argumentam ser a metáfora um alicerce fundamental de nossa linguagem.

Com isso, elencamos os principais objetivos que norteiam nosso trabalho:

- Analisar as metáforas de VIDA e MORTE no *corpus* “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto e, dessa forma, evidenciar como processamos cognitivamente o discurso no momento em que construímos a compreensão.
- Distinguir as metáforas pesquisadas como metáforas primárias (GRADY, 1997), que evidenciam nossas experiências básicas relacionadas ao sistema sensório-motor, e as metáforas congruentes (KÖVECSES, 2005), que são construídas a partir dessas experiências associadas a contextos culturais específicos.
- Evidenciar a existência de blocos metafóricos que alicerçam a construção discursiva do *corpus* sob análise.

A partir da análise das pistas linguísticas do poema *Morte e Vida Severina* verificamos a existência da articulação de domínios cognitivos que parecem sustentar as construções metafóricas, relevantes para a organização semântica do poema como um todo. Por exemplo, em “[...] Mas, para que me conheçam melhor Vossas Senhorias e melhor possam seguir a história da minha vida [...]” (NETO, 2000), a expressão linguística “possam seguir a história da minha vida” nos permite inferir a projeção de que “VIDA É PERCURSO”.

O poema *Morte e Vida Severina*, ou “auto de natal pernambucano”, como denomina o próprio autor, João Cabral de Melo Neto, foi escrito entre 1954-1955 e trata da vida de um retirante, de nome Severino, que sai de uma cidade pobre do sertão nordestino, particularmente o sertão pernambucano, e vai tentar a sorte migrando para a cidade grande, na busca por melhores condições de vida. Isso remonta ao movimento denominado por Êxodo Rural, que ocorreu não só devido à Revolução Industrial, mas também ao fato de a região nordeste, em específico, passar por um período de seca extremamente caótica, em meados de 1879, culminando com a morte de milhares de nordestinos e, conseqüentemente, criando um estado de miséria para a camada pobre.

A luta de Severino pela sobrevivência é construída ao longo de todo o poema, visto as grandes dificuldades pelas quais o sertanejo se defronta. Passagens por vilarejos, margens de rios secos, o encontro com pessoas anônimas etc. compõem o cenário nordestino. O retrato construído desse sertão não é um retrato qualquer. É um clamor pela sobrevivência, uma crítica aguda que mostra um lugar esquecido pelas autoridades do país. As pessoas que moram nesse lugar não têm condições mínimas de sobrevivência – só possuem condições os coronéis e políticos da região, que comandam todas as terras e ditam as suas próprias leis.

O Severino, imigrante, passa a ser mais um na luta pela vida, o que o torna mais um “severino” no meio de milhares de “severinos”, ou seja, todas as pessoas daquele lugar passam a ser iguais, com as mesmas expectativas de vida, sempre de muito sofrimento. As relações construídas entre a personagem principal e as demais personagens, as experiências que ela vivencia em sua trajetória épica etc. criam construções conceptuais das mais variadas possíveis, inclusive, uma forte relação entre vida e morte, que se encontram em uma linha tênue e, por vezes, são confundidas.

Partindo desse ponto inferimos o conceito de “vida severina” bem como “morte severina”, conceitos esses compartilhados pelas pessoas daquela região. Ambos os conceitos, VIDA e MORTE, bem como outras construções de base metafórica, são

resultantes de modelos culturais que vão sendo evidenciados ao longo do poema e evocados através das evidências linguísticas, como veremos em nossa análise.

Buscamos, portanto, corroborar o pressuposto de que a nossa experiência, enquanto sujeitos inseridos em contextos socioculturais específicos, serve de base para nossa organização cognitiva e que tal organização é, de certa forma, evidenciada pela estrutura linguística. Dito de outra maneira, compreendemos que, subjacentemente à superfície exibida pelas expressões linguísticas, atuam complexas operações cognitivas que correspondem à parte “submersa do iceberg” (FAUCONNIER e TURNER, 2002). Assim sendo, o aporte teórico que utilizamos para compreender os mecanismos que aproximam diferentes domínios cognitivos, de modo a garantir as construções metafóricas, é de base interacionista, articulando, portanto, a tríade linguagem, cultura e cognição.

Pretendemos detalhar as construções metafóricas no *corpus* sugerido em tela, *Morte e Vida Severina*, referentes à construção dos conceitos de *vida e morte*. Conforme pretendemos evidenciar, há, no poema, diversas estratégias semânticas que buscam construir coerentemente, de modo a atender objetivos localizados, esses dois conceitos. Nessa perspectiva, as construções metafóricas, sustentadas por Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987), atendem a determinadas motivações semântico-pragmáticas.

A perspectiva que adotamos evidencia uma relação intrínseca entre corpo e mente, ou seja, nossa linguagem é, antes de tudo, corporificada (LAKOFF e JOHNSON, 1999). Através da análise de metáforas presentes no *corpus* em questão, pretendemos constatar que nossas experiências são formadoras de constructos cognitivo-culturais, compartilhados socialmente. Tais constructos são a base para entendermos o quanto nossa linguagem é dependente de nossa relação corpórea e cognitiva, sendo, portanto, tal formação a base de nosso discurso. E é exatamente na tessitura do texto que percebemos as metáforas atuando como base estrutural, alicerçando a formação de Padrões Discursivos (DUQUE e COSTA, 2011). Esses padrões formam aquilo que denominamos por Blocos Construcionais (BCs), que são, de acordo com nossa análise, blocos discursivos ancorados pela dimensão da metáfora.

Este trabalho tem seis capítulos. No primeiro, apresentamos, em linhas gerais, os principais pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (doravante, LC) que nos nortearão nessa empreitada. Os novos paradigmas nos estudos da metáfora, consonantes à LC, são discutidos no segundo capítulo. Um breve Estado da Arte, apontando alguns

trabalhos que têm como tema central a metáfora, é apresentado no terceiro capítulo. No quarto capítulo, formularemos a metodologia e, no quinto, apresentamos a análise dos dados coletados. Por fim, as conclusões são exibidas no sexto capítulo.

1. A LINGUÍSTICA COGNITIVA

*Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham.*

João Cabral de Melo Neto

Para iniciarmos, faz-se necessária uma rápida introdução aos preceitos advindos da Linguística Cognitiva (LC) e de como se deu o surgimento dessa corrente teórica.

A Linguística Cognitiva surge em um período de revolução paradigmática nos estudos cognitivos da mente, confrontando, principalmente, os pressupostos teóricos de Noam Chomsky. Através do livro *Syntactic Structures* (1957), Chomsky propõe uma Teoria Gerativa que tem como principal meta explicar a produção de linguagem a partir de uma abordagem inatista, que considera a língua um conjunto de regras, estruturadas em nossa mente, independente de qualquer influência externa. O sentido seria, nessa perspectiva, resultado das relações gramaticais na nossa mente, ancoradas, de acordo com a perspectiva gerativa, em uma faculdade da linguagem. Essa proposta se insere no quadro da Ciência Cognitiva de primeira geração, conhecida também como Estudos Cibernéticos. Tais estudos ganharam força na época, pois havia um consenso quase geral de que nossa mente era uma máquina manipuladora de símbolos e que esses símbolos, se dispostos de uma maneira binária, algo como verdadeiro e falso, em um software, poderia representar o real funcionamento da mente humana. Áreas como as Neurociências, a Matemática, a Linguística, a Informática, a Psicologia, dentre outras, se uniram ao projeto das Ciências Cognitivas, imbuídas dessa ideia de criar uma mente artificial. Um dos resultados desses estudos foi o computador que temos em casa atualmente¹. Nesses termos, a noção de mente autônoma, advinda dos preceitos cartesianos do século XVII, é reavivada na proposta chomskyana e embasada nesses estudos cibernéticos.

No decorrer da segunda metade do século XX, essa proposta gerou divergências internas entre os pesquisadores gerativistas, culminando com a dissidência

¹ Para mais informações sobre os primeiros estudos das Ciências Cognitivas, ver Feltes (2007), *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*.

de alguns deles. Os problemas apontados por alguns dissidentes da proposta gerativa – especificamente quatro, James McCawley, Paul Postal, Háj Ross e George Lakoff – foram que, ao se estudar a sintaxe nos níveis de estrutura profunda, a representação semântica acaba se tornando algo indissociável e não dependente da estrutura sintática. Em outras palavras, os quatro dissidentes chegaram à conclusão de que a sintaxe não era autônoma. No modelo proposto por Chomsky, a sintaxe seria o componente de base e principal constituidor de nossa capacidade linguística. Desse modo, para produzirmos linguagem, seríamos totalmente autônomos de qualquer influência externa à própria mente, seja ela corpóreo-sensorial, contextual etc.

Um dos pontos-chave da nova proposta que viria a surgir, denominada então por Ciência Cognitiva de segunda geração, é o entendimento de que a mente é corporificada (*embodied mind*, LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], 1999) e dependente de nossas experiências. Desse modo, não podemos mais conceber os conceitos como meros resultados simbólicos de sintagmas preenchidos em uma estrutura sintática, mas, como o resultado de uma relação complexa que envolve cognição, cultura e linguagem.

Essa nova perspectiva cognitiva acarretou um leque infindável de pesquisas e perspectivas, dentre elas, o estudo da metáfora, que deixa de ser compreendida apenas como ornamento linguístico, ou desvio da linguagem objetiva, para ser compreendida como um processamento conceptual. Conjuntamente a essa ideia, podemos apontar outros pontos basilares da proposta da LC, como, por exemplo, o fato de construirmos estruturas conceptuais, dentre elas a metáfora, que são resultantes de nossas experiências sensório-motoras, interconectadas às nossas estruturas neurais presentes em nosso cérebro. Isso evidencia uma interdependência entre corpo e mente no processo de formação de nossa linguagem.

Assim, nosso cérebro recebe as informações advindas das experiências sensório-motoras que realizamos desde bebês, o que nos permite criar alguns padrões básicos que estruturam nossa formação conceptual. Desse modo, as experiências corpóreas podem ser relacionadas a domínios conceptuais, criando as chamadas metáforas primárias (GRADY, 1997). Esse processamento cognitivo envolve também o modo como é focalizada a metáfora, através do processo de *gestalt* (LAKOFF, 1987), ou seja, pelo modo como o foco pode construir o entendimento. Tais preceitos teóricos serão delineados com melhor exatidão nos capítulos seguintes.

Construir linguagem significa categorizar. Categorizamos as coisas para estabilizarmos os nossos conceitos. Porém, esses conceitos são dinâmicos, dependentes de nossas experiências. Isso pode ocasionar a reconstrução desses conceitos, de acordo com cada situação, com cada cultura etc. Diferente da proposta aristotélica de categorizar o mundo através de traços essenciais e imanes, a categorização humana, para a LC, é fruto de nossas experiências. Conceptualizamos nossas experiências e as convencionalizamos culturalmente.

Portanto, a Linguística Cognitiva contemporânea se encontra com uma difícil missão: transpor um legado de mais de dois milênios da cultura ocidental sobre o “mito do objetivismo”. Não cremos mais em uma verdade universal e essencialista, o que realmente acontece é o resultado de uma relação intrínseca entre linguagem, cultura e cognição.

Nosso corpo está conectado diretamente com nossa mente e tudo que é vivido socialmente é transformado em conceitos, sendo, muitos deles, metafóricos. Os conceitos, portanto, governam nossa mente de um modo a organizá-la, sendo que não se cristalizam, pois, são reformulados cognitivamente de acordo com as novas relações intersubjetivas que vamos realizando em sociedade, ao longo dos tempos. Formamos sistemas conceptuais (LAKOFF; JOHNSON, 1980/2002, 1999), que são estruturados por meio de esquemas imagéticos, neurais e sensorio-motores, sendo essas estruturas basilares e norteadoras de toda a nossa formação cognitiva. Desse modo, não podemos deixar de considerar que as conceptualizações que realizamos levam em conta nossos aspectos biológicos, socioculturais e psíquicos, sendo tais conceptualizações perceptíveis em nossa linguagem.

Nos próximos tópicos do Capítulo 1, faremos um percurso sobre os principais pressupostos da LC que nos interessam nessa pesquisa: Categorização, Corporalidade, Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), e o nosso entendimento de Padrões Discursivos e Blocos Construcionais, para, no capítulo seguinte, entrarmos na Teoria Cognitiva da Metáfora (TCM).

1.1. Categorização

A categorização, no cerne da Linguística Cognitiva, é compreendida como a função primeira da linguagem humana. Podemos organizar as experiências graças à capacidade de construir uma ordem social ao mundo por meio da categorização (JACOB; SHAW, 1998, p. 155). Embora não utilizemos a categorização em nossa análise, entendemos ser importante situarmos a categorização neste trabalho, uma vez que é a partir dela que podemos falar em esquemas, *frames*, Modelos Cognitivos Idealizados etc. Desse modo, trataremos a discussão acerca da categorização como uma introdução ao conteúdo da Linguística Cognitiva para, em seguida, falarmos sobre as categorias analíticas que compõem nosso referencial teórico-metodológico.

A categorização é algo que por muito tempo vem sendo fonte de pesquisa na cultura ocidental. Por volta de IV a. C, os estudos clássicos da Filosofia tiveram Aristóteles defendendo uma concepção de mundo baseada em um pensamento objetivista. Basicamente, ele acreditava ser possível compreender o mundo através de nosso pensamento lógico e, assim, deflagrar a essência das coisas do mundo e falar corretamente sobre elas². De acordo com o pensamento aristotélico, quando nomeamos algo, como, por exemplo, galo, traçamos um perfil para que possamos diferenciá-lo das demais categorias. Isso seria possível através da nossa capacidade de distinguir os traços essenciais das coisas e, dessa forma, revelar a qual categoria pertence tal elemento. Assim, o que interessa para essa concepção é entender que os traços acidentais das coisas (formas individuais de cada um; ex: cabelo, cor do olho, altura) não são importantes, mas sim os chamados traços essenciais (formas gerais; ex: masculino, bípede, dotado da razão), pois eles é que definem se um elemento pertence ou não à determinada categoria, de uma forma dicotomizada (pertence ou não pertence).

Com efeito, Aristóteles afirmava ser a essência das coisas independente da linguagem humana. O que compete a nós, portanto, é entender essa essência *a priori* e deflagrá-la para o conhecimento da verdade. Essa verdade seria, pois, universal e nossas estruturas mentais lógicas nos capacitariam a entender a essência das coisas. As categorias seriam então preenchidas por elementos que tivessem todos os traços essenciais e, caso não os tivessem, não são pertencentes a tal categoria. Por exemplo, a categoria pássaro. Se for pássaro não é humano e deve ter asas etc. Assim, as categorias

² ARISTÓTELES. *The Works of Aristotle*. Chicago, Great Books of the Western World, 1952. v. I.

seriam relacionadas por meio dos traços essenciais e o objeto categorizado revelado gradativamente.

As categorias seriam, então, delimitadas e, dessa forma, os elementos fariam, ou não, parte de uma determinada categoria. Porém, contemporaneamente, essa formulação clássica das categorias é repensada por outros autores.

A psicóloga norte-americana Eleanor Rosch, na década de 70 do século passado, reformulou, bem como outros teóricos de sua época (LABOV, 1973; KEMPTON, 1981), a categorização clássica baseando a pesquisa a partir da noção de protótipo, dentro da categoria. Para Rosch, inicialmente, deve-se repensar a abordagem clássica sobre as categorizações, pois não se trata de pensarmos em um conjunto de pertencente ou não, mas sim, reconhecer, através de um protótipo, o núcleo dentro do grupo. Os demais elementos estariam mais à margem e seriam menos recorrentes quando pensamos em determinada categoria.

Esse trabalho foi iniciado com as pesquisas das cores, que foram chamadas de “estudo das cores básicas” (BERLIN; KAY, 1969). Esse estudo evidenciou que as cores têm um foco central primário e nossa percepção cognitiva capta o ponto mais salutar da cor, ou seja, o ponto prototípico. Desta forma, o verde, por exemplo, tem seu ponto prototípico e as demais tonalidades seriam a sua continuação; por exemplo: verde-água, verde-esmeralda etc. Apesar de sua base biológica, essa pesquisa revela a nossa percepção cognitiva frente aos conceitos e, assim, confirmaria, segundo os autores, que categorizamos as coisas baseados em um elemento prototípico dentro de uma categoria. Desse estudo é que se derivou a Teoria dos Protótipos propriamente dita.

Para evidenciarmos a teoria, vamos pensar a categoria “mamífero”. Se tivermos um cachorro e uma baleia, prontamente o cachorro seria apontado como o elemento mais prototípico da categoria. Assim, no interior de uma determinada categoria, haveria um exemplar prototípico e outros mais periféricos, podendo, inclusive, esse exemplar mais periférico pertencer prototipicamente a outra categoria, como por exemplo, a baleia poderia ser o protótipo da categoria “peixes grandes”.

De um modo geral, a psicóloga subdivide tais categorias em três níveis: subordinado, básico e supra-ordenado. O nível básico seria aquele mais recorrente dentro de uma categorização, por exemplo: “cadeira”. O subordinado estaria em menor recorrência do que o básico, mas dentro da categoria. Exemplo: “poltrona”. E o supra-ordenado acomodaria o elemento do nível básico em uma categoria mais ampla: “móvel”.

Quando pensamos, por exemplo, em caneta, temos um protótipo de tamanho, largura e até de cor da escrita. Desse protótipo, derivam outras propriedades da categoria “caneta”, com tamanhos, larguras e cores distintas. Esse pensamento descaracteriza o que Aristóteles chama de “traços” e repensa-os como sendo “atributos”. Com os atributos, diferenciaríamos um elemento de outro na mesma categoria devido ao seu grau de representatividade.

Alguns problemas foram apontados, *a posteriori*, mais precisamente, para a Teoria dos Protótipos iniciada por Eleanor Rosch e os demais teóricos. Quando se tinha a noção inicial de protótipo como “elemento padrão”, pensava-se, também, na hipótese de que o protótipo possuía algo de exemplar, que o destoava dos demais, algo como pensarmos em um elemento que se distinguisse prototipicamente, como vimos na proposta inicial dos estudos das cores básicas.

Porém, as experiências revelaram existir protótipos distintos, dependendo da cultura, da sociedade etc. Isso fez com que o protótipo perdesse a noção de causa para ter a noção de efeito (DUQUE, 2002). Dessa forma, os pesquisadores começaram a falar muito mais em efeitos prototípicos do que propriamente protótipos. Quando temos, por exemplo, a categoria “casa”, o protótipo dessa categoria pode variar se perguntarmos, por exemplo, para um morador de rua, um rapaz de classe média alta, um assalariado e uma estrela da música, o que é casa. E ainda mais se fizermos essa mesma pergunta para pessoas dos mais diversos países. Os efeitos de prototipicidade seriam, sem sombra de dúvida, os mais distintos possíveis, visto que essa impressão prototípica sofre influências socioculturais.

Isso fez com que a teoria necessitasse de uma reformulação, pois pensarmos os efeitos prototípicos seria, assaz, diferente de pensarmos em protótipos propriamente ditos. Com efeito, o cabedal básico da Teoria dos Protótipos é repensado e melhor assimilado quando o associamos a proposta de Wittgenstein sobre semelhanças por familiaridade (1952). O que se passa a buscar agora não é mais um elemento prototípico de determinada categoria, mas sim os efeitos prototípicos que são motivados por determinados fenômenos.

Como vimos anteriormente, as categorias não são mais vistas como partindo de um centro, como se os elementos se agrupassem ao redor de características comuns, mas sim pensadas de uma forma lateral, analisando cada elemento e seus atributos específicos. Pensando assim, teremos um extenso agrupamento de elementos que não necessariamente tenham, entre si, as mesmas características, sendo que um elemento A

pode não ter semelhança alguma com D, e assim sucessivamente. Givón (1995), pensando nessa relação por semelhança, sugere o seguinte esquema:

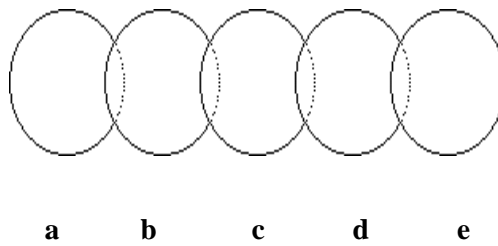


Figura 1: relação de semelhança de Givón.

Outro ponto que deve ser considerado nessa reformulação teórica é o fato de que podemos abandonar elementos prototípicos específicos, como, por exemplo, *peixe*, que na versão padrão poderia ser apenas caracterizado por elementos que fossem peixes. Agora, poderemos considerar também conceitos que não sejam necessariamente o elemento em si, como *homem-peixe*. Assim, nos *jogos de linguagem* (WIITGENSTEIN, 1952), encontramos o uso de uma mesma palavra atribuída para diferentes tipos de categorização. Deixamos de pensar a teoria monossemicamente para pensarmos na polissemia instaurada pelo “jogo de linguagem” utilizado em cada contexto. Eis que a concepção de categorização está na base dos processos cognitivos, uma vez que para compreendermos ou formularmos nossa linguagem, devemos, antes de tudo, estabilizarmos momentaneamente esses conceitos, ou, em outras palavras, categorizá-los.

1.2. Corporalidade

No campo da Linguística Cognitiva (LC), a noção de corporalidade é primordial, uma vez que é através de nosso sistema corpóreo que realizamos as nossas experiências e, conseguinte, todas as nossas construções conceptuais.

Considerando o corpo como a base para a edificação de nossa compreensão, devemos levar em conta toda a nossa capacidade sensório-motora, atrelada às experiências socioculturais. Estamos falando mais especificamente da formação de esquemas e *frames*, ou seja, da nossa capacidade de, através de recorrências experienciais, formarmos padrões.

Tal formulação é condizente com a proposta de Lakoff e Johnson de mente corporificada (1999), pois é através da percepção de nossas experiências sensório-

motoras compartilhadas que construímos sentido. As mesmas redes neuronais que são responsáveis pela nossa locomoção e percepção são fundamentais para a nossa conceptualização e o modo como racionalizamos o mundo.

O corpo interage com a mente para a produção de sentido. A conceptualização do nosso entorno físico e sociocultural depende exatamente dessa corporalidade. Porém, como nos lembram Lakoff e Johnson (1999), uma pequena porcentagem de nosso processo de categorização se realiza de um modo consciente, pois a grande parte acontece inconscientemente e dependente de nossas especificidades corpóreas, assim como de nossas experiências no contexto em que vivemos. Portanto, diferentemente do que propôs Aristóteles, a categorização não é um processo objetivista e totalmente consciente. Nossos cérebros são capazes de realizar diversas sinapses ao receber as informações advindas de nosso aparelho sensório-motor, através de 100 trilhões de conexões, somados a 100 bilhões de neurônios trabalhando conjuntamente nessas redes (FELDMAN, 2006).

Nesse sentido, entendemos que a corporalidade, ou mente corporificada, resulta em experiências tanto universais quanto variacionais. A universalidade seria fruto de nossa estrutura biológica, uma vez que todos nós, seres humanos, possuímos um aparato sensório-motor advindos de uma mesma estrutura corporal. Associado a isso, experienciamos essas relações inseridos em determinada cultura. Isso resulta em *frames* específicos, advindos de constructos cognitivo-culturais, o que nos permite falar em variações culturais.

No capítulo seguinte, baseados na noção de corporalidade, falaremos sobre os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), conforme Lakoff (1987), que tratam exatamente do modo como criamos os domínios conceptuais. Explicaremos como os esquemas imagéticos são determinantes para o modo como categorizamos o mundo, assim como os *frames* explicam o resultado de nosso “estar” corporalmente nesse mundo.

1.3. Modelos Cognitivos Idealizados

Poderíamos dizer que os MCIs são arquivos mentais que nos auxiliam a organizar os domínios de nossa experiência. Como todo arquivo, pode ter documentos deletados, reavaliados, adicionados etc. Para Feltes (2007, p.89), os MCIs seriam

construtos idealizados porque, em primeiro lugar, não precisam se ajustar necessária e praticamente ao mundo. Isso se justifica pelo fato de que, sendo resultados da interação do aparato cognitivo humano (altamente corporalizado) e a realidade – via experiência –, o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças etc. Em segundo lugar, podem-se construir diferentes modelos para o entendimento de uma mesma situação, e esses modelos podem ser, inclusive, contraditórios entre si. Os modelos, portanto, são o resultado da atividade humana, cognitivo-experencialmente determinada, são o resultado da capacidade de categorização humana.

Ainda de acordo com Feltes (2007), a noção de MCI deve ser acompanhada da noção de modelos culturais, visto que nosso modo de conceptualizar o mundo é intrínseco ao modo como nos relacionamos sociocognitivamente com ele. Os modelos são idealizados justamente por serem internalizados, através de nossa experiência, e não serem uma representação fiel do que seria o real do mundo. As categorias que criamos estão a todo o momento sendo redefinidas e isso faz com que continuamente organizemos nossos modelos cognitivos.

Tannen e Wallat (1987) dividem os conceitos que organizam os MCIs em dois tipos: interativo, para os *frames*, e estruturadores de conhecimento, para os esquemas imagéticos. Conjuntamente a esses dois tipos, entendemos que o conceito de *gestalt* proposto por Lakoff (1987) deve ser associado ao entendimento dos MCIs, pois a experiência *gestalt* trata exatamente da focalização dos eventos, ações etc. Os conceitos de esquemas imagéticos, *frames* e *gestalt* serão apresentados no tópico seguinte.

1.3.1. Esquemas Imagéticos

Os esquemas imagéticos são estruturas de nosso conhecimento, armazenadas em nossa memória, e são relacionadas diretamente às nossas experiências sensório-motoras e, portanto, relativas especificamente à espécie humana. A relação corpóreo-espacial que mantemos com o meio circundante, tais como orientação, movimento, equilíbrio, forma etc. são fundantes dos esquemas imagéticos. Existem alguns esquemas mais recorrentes (LAKOFF, 1987). Seriam eles: 1) CONTÊINER, 2) PARTE/TODO, 3) LIGAÇÃO, 4) CENTRO/PERIFERIA, 5) ORIGEM/CAMINHO/META, e 6) ESCALA.

1) O esquema CONTÊINER trata exatamente da nossa experiência dentro/fora de determinados conteúdos, quando, por exemplo, entramos em nossa casa, ou quando saímos dela. Ou ainda, quando nos referimos à raiva contida na gente. Desse modo, temos a noção de contêiner, sendo possível um contêiner estar dentro de outro.

Eu posso ser o contêiner de meus órgãos internos e, concomitantemente, a casa pode ser o contêiner que me abriga. Outro exemplo é encontrado na formulação do silogismo aristotélico: se “todo homem é mortal” e “João é homem”, deduzimos que “João é mortal”; temos, portanto, que “João está contido no conjunto dos homens” e “os homens estão contidos no conjunto dos mortais”. Esse entendimento é possível através da noção de esquemas imagéticos e metáforas. Vejamos o exemplo:

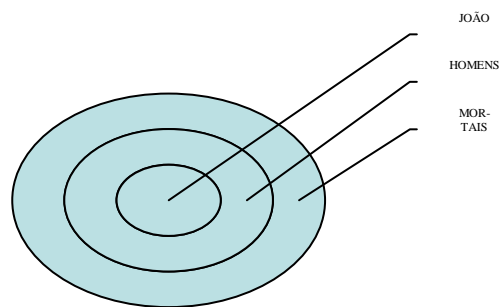


Figura 2: esquema CONTÊINER

João “entra” no conjunto dos homens, bem como os homens “entram” no conjunto dos mortais. Processamos o entendimento das categorias em nível de contêineres, ou seja, colocamos os conceitos dentro de recipientes, o que faz com que criemos a metáfora **CONJUNTOS SÃO CONTÊINERES**, pois é desse modo que construímos as experiências corporificadas. As coisas podem estar dentro ou fora do contêiner, sendo, portanto, construído um esquema imagético para essa compreensão.

2) O esquema **PARTE/TODO** diz respeito ao modo como focalizamos as coisas, ou seja, de que modo objetos ou conceitos são compreendidos como parte/todo. Por exemplo, nosso corpo, composto por cabeça, tronco e membros, ou a nossa mão, composta por dedos. Vejamos a figura abaixo:

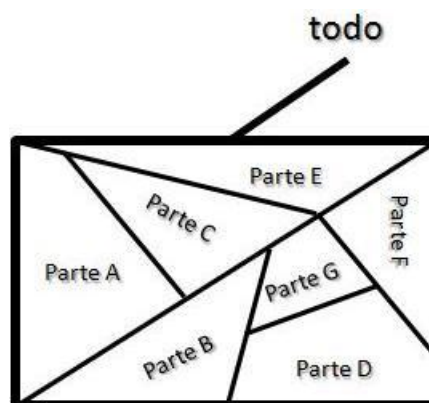


Figura 3: esquema PARTE/TODO retirado de Duque e Costa (2011, p. 82)

3) O esquema LIGAÇÃO trata do modo como conceptualizamos as coisas por intermédio de relações que realizamos entre elas, conforme evidenciado na figura 5. Essas ligações podem estar diretamente relacionando os conceitos entre si, ou, ainda, relacionando-as a outros conceitos (DUQUE; COSTA, 2011). Uma criança ligada à mãe pelo cordão umbilical representaria uma ligação de dependência direta. Já usarmos um terno com uma gravata pode representar uma ligação com uma profissão ou ainda a um evento social ou religioso, representando uma ligação entre os atributos.

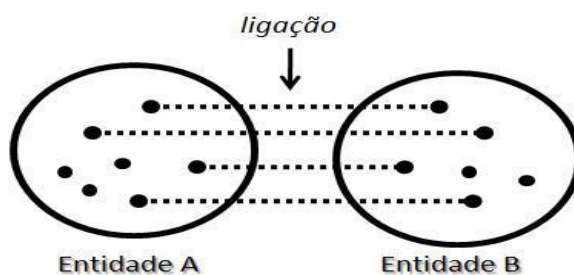


Figura 4: esquema LIGAÇÃO retirado de Duque e Costa (2011, p. 83)

Isso significa que os atributos que são relacionados através do esquema LIGAÇÃO não são todos os atributos envolvendo as entidades. Somente aqueles atributos que nos permitem realizar o *link*.

4) O esquema CENTRO/PERIFERIA diz respeito à maneira como manipulamos objetos, identificando seus aspectos (ou partes) centrais. A periferia mantém uma relação de dependência com o centro. A maneira como esse esquema é estruturado é ilustrada pela Figura 6. Por exemplo, utilizamos esses esquemas para distinguir pessoas mais importantes em uma festa, sentadas ao centro, enquanto as demais sentariam mais à periferia.

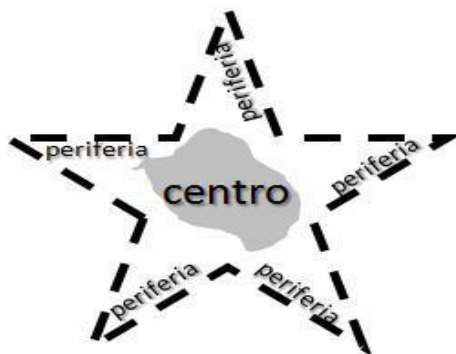


Figura 5: esquema CENTRO/PERIFERIA retirada de Duque e Costa (2011, p. 84)

5) No esquema ORIGEM/CAMINHO/META, organizamos nossas experiências corpóreas através da relação que fazemos esquematicamente sobre um ponto de partida, uma trajetória e um ponto de chegada, conforme ilustrado na figura 7. Esse esquema envolve, diretamente, a noção de movimento no espaço, trajetória – que seria uma entidade ou atividade percorrendo o trajeto –, e a noção de direção. Podemos dizer, por exemplo, “estarei em minha casa, saindo agora do trabalho, em uma hora” – ORIGEM: trabalho; CAMINHO: o trajeto sendo percorrido; e META: minha casa, sendo o trajetória a própria pessoa. Ou ainda, dizer que “o tempo está passando e não terminamos o trabalho” – ORIGEM: início do trabalho; CAMINHO: desenvolvimento do trabalho; META: o término do trabalho, sendo o trajetória medido pela noção de tempo.



Figura 6: esquema ORIGEM/CAMINHO/META retirado de Duque e Costa (2011, p. 84)

6) No esquema ESCALA, experienciamos as coisas do mundo como possuidoras de substâncias, que, por isso, passam a ser compreendidas, por exemplo, como maiores ou menores que as outras; bem como os fatos do cotidiano, que podem ter maiores e menores graus de intensidade. Associado a nossa orientação espacial, podemos dizer que “a inflação subiu mais do que o esperado pela equipe econômica”, o que evidencia uma escala quantitativa acerca da progressão inflacionária. O esquema ESCALA é ilustrado na figura abaixo:

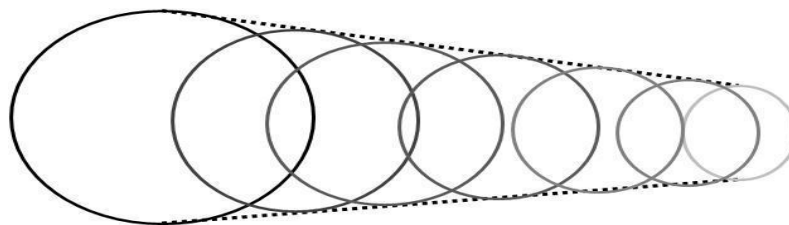


Figura 7: esquema ESCALA retirado de Duque e Costa (2011, p. 85)

1.3.1.2. Esquemas associados

Quando produzimos discurso, projetamos construções lexicais conjuntamente às construções semânticas oriundas de nossa experiência sociocognitiva, resultando no acionamento de domínios cognitivos que envolvem os esquemas imagéticos (LAKOFF, 1987). Assim, os esquemas imagéticos não podem ser entendidos dissociadamente, pois, a todo o momento, relacionamos essas experiências básicas.

Se pensarmos, por exemplo, que “entrar” sempre pressupõe uma relação experiencial de um corpo ou objeto que se locomove de um ponto a outro, bem como a noção de CONTÊINER, teremos, então, a base experiencial de esquemas imagéticos como as expostas nos exemplos anteriores. Relações como movimento, equilíbrio, orientação etc. são advindas de nossas atividades cotidianas, resultado de aspectos biológicos e sensorio-motores. Com isso, criamos esquemas imagéticos de nossas experiências como “Sérgio entrou em casa”, que pressupõe ORIGEM/CAMINHO/META, associado ao esquema CONTÊINER, como veremos no exemplo a seguir:

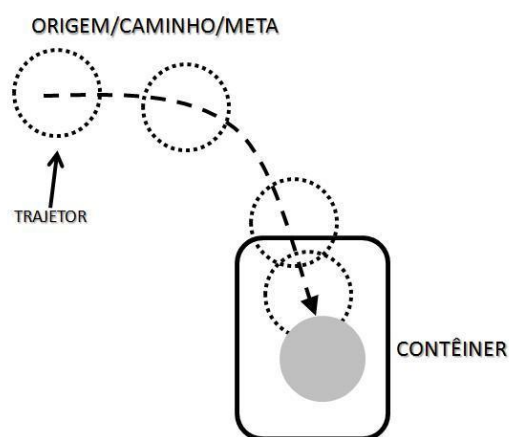


Figura 8: esquemas associados (adaptado de Bergen e Chang, 2003, p. 03 e retirado de Duque e Costa, 2011, p. 86).

O enunciado “entrar em casa” carrega uma projeção metafórica chamada por Lakoff (1999) de “metáfora do contêiner” – ENTRAR EM ALGUM LUGAR É ENTRAR EM UM RECIPIENTE. Essa metáfora conceptual recupera as experiências atreladas à expressão evocada como, por exemplo, em “entrou pelo cano”.

Já o enunciado “entrar pelo cano”, não nos parece, de fato, ser algo “agradável” e, portanto, entrar pelo cano carrega uma carga semântica que desconstrói a compreensão do recipiente anterior para algo ruim, diferente de “entrar em casa”. Se

“Sérgio entrou pelo cano”, automaticamente, criamos uma projeção conceptual que une os espaços do caminho ao recipiente de um modo que entendemos isso contextualmente como “Sérgio se deu mal”. Já se dissermos “entrar fundo na teoria”, temos a teoria como um recipiente e estudar a teoria significa entrar nela; quanto mais fundo entrarmos significa mais conhecimento adquirido. Ou seja, os esquemas imagéticos são experiências basilares, que nos auxiliam na realização de projeções metafóricas, metonímicas etc.

1.3.2. Frames

De um modo geral, podemos entender o *frame*, traduzido por “moldura”, como a macro relação da construção de um modelo cognitivo. Para Minsky (1974), o *frame* é uma estrutura que armazena dados sobre um ambiente, situações socioculturais etc. Por exemplo, quando vamos a um teatro, precisamos ter previamente uma compreensão do *frame* que compõe esse evento. Desse modo, as relações que envolvem o teatro são entendidas através de esquemas de base – imagéticos – conjuntamente com *slots*, que seriam espaços a serem preenchidos por elementos que compõem o determinado *frame*, como palco, platéia, atores etc.

De acordo com Duque e Costa (2011), existem quatro tipos de *frames*: cenário, script, conjunto de traços e taxonomia.

Retomando o exemplo anterior da peça de teatro, um cenário teatral corresponde à disposição em que ele se encontra, quais os elementos que o compõem e o formam como um todo. O cenário funciona cognitivamente do mesmo jeito para nós. Organizamos os lugares que experienciamos como sendo cenários do cotidiano: uma sala de aula, um shopping, um bar etc. Teríamos os elementos que compõem esses cenários: carteiras, quadro negro e alunos, no caso da sala de aula, lojas, praça de alimentação e cinema, no caso do shopping, e mesas, garçons e cerveja, no caso do bar.

Conjuntamente ao cenário, processamos alguns esquemas básicos como CONTÊINER e PARTE/TODO. O esquema CONTÊINER nos auxilia na compreensão de que podemos entrar nos cenários, entender as partes e o todo na configuração dos mesmos, como um banheiro que fica ao lado da praça de alimentação em um shopping, bem como entender que um garçom pode compor um cenário referente a restaurante e, dificilmente, ao cenário de uma sala de aula.

Já o *script* está relacionado ao esquema ORIGEM/CAMINHO/META, uma vez que ambos, tanto os *scripts* quanto o esquema, são compostos por um estado inicial, uma sequência e um estado final. Quando assistimos a uma peça de teatro, primeiro compramos os ingressos no guichê, depois esperamos liberarem a sala da peça, em seguida, ao liberarem, sentamos nos lugares disponíveis, assistimos a peça e ao término saímos. Os *scripts*, portanto, preenchem os *slots* do esquema ORIGEM/CAMINHO/META.

Os *scripts* são compostos por diversas cenas, normatizadas através de nossa experiência. O conjunto dessas cenas nos auxilia no modo como proceder em uma peça de teatro, por exemplo. A sequencialidade das cenas que acionamos, de acordo com cada momento, comprar ingresso, entrar na fila etc. condiz com o modo como organizamos linearmente esses eventos.

O conjunto de traços está relacionado às categorias pertencentes a cada cultura. Esse conjunto de traços evoca protótipos e estereótipos sociais para as categorias, formando *frames*. Assim, como vimos no exemplo do esquema CONTÊINER, as categorias seriam diretamente relacionadas a esse esquema, sendo que os elementos mais prototípicos estariam mais ao centro e os menos prototípicos mais à periferia, como no esquema CENTRO/PERIFERIA. Vale lembrar que essa distinção entre centro e periferia não remete à concepção de Rosch sobre a categorização, em que as categorias são formadas por elementos efetivamente mais prototípicos, dentro de uma categoria, de acordo com as experiências culturais que vamos construindo.

Por fim, temos a TAXONOMIA em que evocamos os esquemas PARTE/TODO e ESCALA, visto que a TAXONOMIA se refere ao modo como hierarquizamos as categorias, sendo que estas são distintas em seus níveis hierárquicos quando comparadas culturalmente. Como diz Feltes (2007, p. 141),

Podem-se citar como exemplos de modelos cognitivos taxonômicos os sistemas de classificação da zoologia, da botânica e outras áreas que operam com catalogação. Como modelos cognitivos, essas estruturas taxonômicas não referem diretamente um estado de coisas no mundo, um sistema ou uma hierarquia que precisa apenas ser capturada da realidade pelo aparato cognitivo.

Podemos dizer, portanto, que os esquemas imagéticos nos auxiliam na compreensão de esquemas de base, sendo que os *frames* ditam as normas que compõem o “grande cenário” em que nos inserimos, bem como nos orientam no modo como devemos proceder em cada situação. Como no exemplo proposto por Duque e Costa

(2011), o esquema CONTÊINER nos auxilia na compreensão de que uma coisa pode estar inserida na outra “o leite está na geladeira”. O *frame* faz com que processemos as informações de modo a procurarmos o leite na geladeira, ao invés de procurarmos no guarda-roupa. Em outras palavras, o *frame* nos auxilia a criar coerência para as experiências básicas de nosso cotidiano.

1.3.3. *Gestalt*

Para Lakoff (1987), uma *gestalt* é o modo como compreendemos os MCIs. Estamos a todo o momento realizando experiências de *gestalt* de acordo com a focalização que damos às experiências. Sendo assim, o termo *gestalt*, já tratado pela psicolinguística, tem uma delimitação específica nos estudos da LC.

Por exemplo, a noção de PARTE/TODO que construímos tem um viés gestaltico. Quando analisamos a parte, podemos estar entendendo-a como o todo, bem como não entendermos o todo sendo, necessariamente, a soma de suas partes. As experiências, nesse sentido, podem ser direcionadas por pontos de vista distintos, já que cada experiência que realizamos carrega uma bagagem cognitiva, de acordo com as crenças, costumes etc. de cada um.

Podemos também relacionar as *gestalts*, ou ainda, entendê-las como instâncias de outras *gestalts*, incluindo o modo simbólico e cultural de inferência. Esse, digamos, mapeamento pode ser parcial: podemos encaixar uma *gestalt* a outra, criar oposições entre elas, interseccioná-las etc. Além disso, por ser fruto da experiência, a *gestalt* produz efeitos prototípicos, ou seja, efeitos que são mais esperados em determinada *gestalt*.

As *gestalts* possuem também propriedades de *background*, ou seja, existem *gestalts* de vários tipos, de movimento, táteis, linguísticas etc. No caso das *gestalts* linguísticas, elas podem ser do tipo gramatical, fonológica, pragmática, semântica e funcional. Isso requer entendermos que a *gestalt* é o resultado de um todo amplamente complexo. Os MCIs que construímos seriam resultados dessas *gestalts* realizadas por nós. Através da análise de uma *gestalt*, podemos realizar inferências. As noções de experiência e de *gestalt* comportam diversas modalidades, sejam linguísticas, corpóreas etc., pois, como dissemos anteriormente, linguagem, cultura e cognição caminham juntas no processo de produção de sentido.

Como Lakoff (1987) nos sugere, as *gestalts* são processos holísticos e possíveis de serem analisados. Não se trata de nuclearmos nossas experiências para compreendê-las. Devemos inferir possíveis pontos de vista, bem como entender a existência de outros pontos de vista distintos do nosso. É esse processo que nos auxilia na formação de modelos cognitivos representativos para as concepções culturais.

1.4. Padrões Discursivos

Segundo Östman e Fried (2005, p.121), os “padrões que podem existir para a combinação de sentenças em estruturas maiores”, Padrões Discursivos (*Discourse Patterns*), são compreendidos em consonância com a abordagem da gramática de construções, uma vez que representam propriedades linguísticas específicas que os colocam “em pé de igualdade” com os padrões convencionalizados conhecidos como *gramática*.

De acordo com Fernandes (2006), o gênero é um padrão discursivo disponível no léxico, que aciona uma rede de construções. Trata-se de um padrão que implica, necessariamente, o pareamento entre forma (envolvendo sequências textuais, escolhas lexicais e sintáticas) e sentido (semântico-pragmática). Essa relação entre forma/sentido é realizada conjuntamente quando produzirmos discurso ou quando o compreendemos.

Assim, a abordagem mais recente da Gramática de Construções Corporificada (GCC – BERGEN; CHANG, 2005) traz questões fundamentais para pensarmos os padrões discursivos.

1. Seu formalismo foi construído ao lado de um mapeamento detalhado do formalismo de estruturas neurais computacionais. A incorporação é realizada através da fundamentação neural;
2. A GCC foi concebida para formar um núcleo de compreensão da linguagem computacional e sistemas de produção e como tal deve ser explícita o suficiente para servir a fins de processamento da linguagem, em vez de conhecimentos linguísticos simples;
3. A GCC incorpora mecanismos linguísticos como esquemas imagéticos, *frames*, projeções metáforas e metonímicas, espaços mentais, e mescla em suas estruturas gramaticais, permitindo os diferentes mecanismos de interface naturalmente.

A GCC é corporificada, pois suas estruturas parametrizam simulações de atividades com base nos esquemas motores e de percepção (BERGEN; CHANG, 2003). É baseada em construções, uma vez que sua unidade linguística básica é uma *construção*, ou par forma/sentido, sendo o pólo da forma associado às relações internas (definidas em função da maneira pela qual as sentenças são organizadas como partes de uma peça de discurso em relação umas com as outras), e o pólo do sentido, associado às relações externas (definido em termos das relações pelas quais um discurso está imbricado aos contextos sociais e comunicativos).

Também é baseada em restrições, porém, essas restrições estão em todas as dimensões (do fonológico ao discursivo) e são expressas através de uma gramática formalizada, dentro da perspectiva da corporalidade. A formalização é, portanto, fruto da conceptualização de esquemas e *frames*.

Baseados em Bergen (2007) apresentamos, no Quadro 1, os quatro tipos de corporificação, associando-os aos modos como a gramática de construções é corporificada.

Quadro 1: tipos de corporificação e GCC

Tipos de corporificação	Postulados	Gramática de Construções Corporificada
Corporificação neural	O modo como o cérebro é estruturado pode ter efeito sobre a linguagem.	Seu formalismo pode ser mapeado por arquiteturas neurais.
Corporificação experiencial	As experiências particulares de um indivíduo têm algum efeito sobre a linguagem.	A apreensão das construções se dá por meio da exposição à linguagem em um dado contexto social e físico.
Corporificação social	Os objetivos dos grupos sociais (dentro dos quais a linguagem se apresenta) e os contextos sociais (nos quais a linguagem é usada) têm algum efeito sobre a linguagem.	Deve-se considerar a interface entre representações de falantes diferentes, crenças, desejos e enunciados prévios de outros interlocutores.
Corporificação corpórea	As características do corpo humano têm algum efeito sobre a linguagem.	É construída para ser realizada em um sistema computacional que realize tarefas da linguagem real, como compreender, produzir e traduzir, usando mecanismos internos similares aos do corpo humano.

É através da corporalidade que a gramática se molda. Toda a relação experiencial nos auxilia na formação de domínios cognitivos fundamentais para a produção discursiva. Assim, os Padrões Discursivos são, antes de tudo, formações constituídas da relação entre nossos aspectos biológicos e cognitivos, fundamentais para a formação de nossa linguagem.

1.4.1 Blocos Construcionais

Coerentemente com o quadro teórico advindo dos Padrões Discursivos e da GCC, o conceito de Bloco Construcional (BC) é entendido por nós como um todo oriundo do pareamento entre forma/sentido. Quando pensamos em Padrões Discursivos, podemos dizer que o BC abarca determinadas dimensões discursivas, formando um padrão, uma vez que seu todo vai além de uma sentença. O que sustenta, desse modo, o BC é sua capacidade de agregar determinada dimensão do discurso, seja através de uma ligação metafórica, integração, expressão idiomática, modelos situacionais (ZWAAN, 1999)³etc. Portanto, a dimensão do Bloco Construcional abarca determinadas dimensões do discurso de acordo com o foco a ele dado.

É nesse sentido que entendemos o BC como um elemento pertencente ao modo como estruturamos o discurso, pois os níveis discursivos não se limitam ao nível do enunciado. Vejamos o seguinte exemplo:

*só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;*
(MELO NETO, 2000, p. 52)

Nesse exemplo, percebemos uma metáfora alicerçando o BC em toda sua dimensão discursiva, MORTE É ENTIDADE. Nesses termos, os domínios conceptuais que estão subjacentes à estrutura linguística se alicerçam, conjuntamente ao par forma/sentido, sobre a égide do BC, que seria uma estrutura que acompanha os pilares discursivos, auxiliando sua sustentação.

O BC é construído através da relação entre forma e sentido que alicerçam o discurso. Isso acontece devido ao fato da metáfora ser um recurso cognitivo que nos auxilia a categorizar os conceitos. Desse modo, a relação entre metáfora e discurso se torna indissociável. Em um primeiro momento, quando Lakoff e Johnson (1980) analisaram a metáfora em níveis de sentenças, constataram que esse recurso cognitivo é, de fato, inerente a formação de nossa linguagem.

Os BCS evidenciam a formação da metáfora em níveis discursivos, constituindo determinados *frames* que compõem o discurso. O fato de relacionarmos a

³ Zwaan trata dos modelos de situação como um processo de simulação na compreensão de textos, que envolve as noções de tempo, espaço, protagonista, causa e intencionalidade.

morte a uma entidade no fragmento acima constata que as metáforas emergem conjuntamente com as estruturas linguísticas, sendo que os domínios, MORTE É ENTIDADE, acompanham a formação discursiva, em seu nível conceptual. A evidência do BC é feita através das metáforas lingüísticas (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999), que apontam para o nível conceptual específico: “só a morte vejo ativa”, “e às vezes até festiva”, ou seja, a morte, com propriedades de seres animados, é projetada para a nossa compreensão. Desse modo, a metáfora nos auxilia na compreensão dos modelos culturais presentes no discurso.

Vale salientar que o BC é uma ferramenta cognitiva composta por diversos processos. Alguns estudos realizados por Duque (2011) focalizam os Modelos Situacionais, sugeridos por Zwaan (1999), relacionando-os a noção de centros dêiticos. Seria outra proposta de análise do BC. Em nosso caso, o foco do BC recai sobre as metáforas.

2. A METÁFORA

*Mesmo quando é assim
pequena
a explosão, como a ocorrida
como a de há pouco, franzina
mesmo quando é a explosão
de uma vida Severina.*

João Cabral de Melo Neto

É no cerne da Filosofia que a concepção de metáfora como ornamentação linguística começou a ser formulada por Aristóteles, por volta do século IV a.C. No século XX, essa concepção começa a ser questionada com mais ênfase, bem como a concepção geral que prevalecia, até então, sobre o objetivismo, proposta construída em consonância com os ideais aristotélicos de que existe uma verdade *a priori*, uma dissociação entre objetivismo e subjetivismo, uma concepção de mente descorporificada. Tais concepções foram defendidas por milênios em nossa cultura ocidental.

Porém, em meados das décadas de 70 e 80 do século passado, essas concepções começam a ser questionadas com maior veemência. O que se sugere é que, em vez de mente autônoma, existam relações cognitivas e sociais que emergem em nossa linguagem como faróis de sentido. A metáfora não seria, portanto, um empecilho para essa construção, mas um dos faróis utilizados nos processos de significação do mundo, uma operação cognitiva que realizamos através de nossa relação com a sociedade em que vivemos.

Inicialmente, os estudos realizados por Richards (1936) e desenvolvidos, posteriormente, por Black (1962) revelaram que

a metáfora possui um sentido novo que advém da interação entre o tópico e o veículo da metáfora; para exemplificar, numa expressão como ‘Julietta é o sol’, ‘Julietta é o tópico e ‘sol’, o veículo, ou termo metaforizado (SARDINHA, 2007, p. 29).

De acordo com essa proposta, não seria possível uma paráfrase literal da metáfora sem alguma perda de sentido, o que foi de encontro à visão tradicional que se apoiava na possibilidade de substituição plena. Essa ruptura estaria na base do que é hoje conhecido como a teoria interacional da metáfora, que ressalta a dimensão cognitiva e não apenas linguística desse tropo⁴.

Outra pesquisa merecedora de destaque é o ensaio de Reddy, intitulado *The conduit metaphor* (1979), traduzido ao português como *A metáfora do canal*. Nesse

⁴ Agradecimentos à professora Solange Coelho Vereza pelo auxílio na construção das informações seminais sobre as primeiras pesquisas sobre a metáfora.

ensaio, Reddy faz um estudo metalinguístico sobre a comunicação. Na análise de fala de alguns informantes de língua inglesa, apareceram enunciados como “Você ainda não me deu nenhuma ideia do que queira dizer”, “Você deve colocar cada conceito em palavras com muito cuidado”. Para o autor, tais enunciados evidenciam o que ele denominou “metáfora do canal”. Através desse estudo, o autor percebeu que nos utilizamos de metáforas para falar sobre a nossa própria comunicação. No caso, para uma comunicação ser bem efetivada, o receptor deve “receber” do falante os significados, que vem através das palavras, até sua mente. Ao perceber essa realização metafórica, Reddy começa a desbancar a concepção tradicional de metáfora que perdurava, até então, por mais de dois milênios.

Com isso, a separação estrita entre objetividade e subjetividade também começa a ser questionada. Afinal, se existe uma relação experiencial e cognitiva associada à nossa linguagem, a dissociação entre objetividade e subjetividade não parece mais fazer tanto sentido quando o assunto é falar sobre concepções de mundo.

Em 1980, Lakoff e Johnson escrevem o livro *Metaphors we live by*, traduzido como *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002). Nessa obra, que representa a grande ruptura com o mito do objetivismo, os autores percebem que aquilo que Reddy chama de metáfora do canal é uma das metáforas conceptuais, **IDÉIAS SÃO OBJETOS**. Além disso, essa obra também está associada a um novo momento das chamadas Ciências Cognitivas. Associada à primeira geração cognitivista, a proposta chomskyana de que produzimos linguagem de um modo autônomo através de um racionalismo cartesiano e de uma biologia inata, começa a dar sinais de inconsistência. Neste ponto, o que entra em voga é a noção de Realismo Experiencialista, ou Experiencialismo (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002]).

Se o modelo cartesiano defendeu a dissociação corpo e mente, a teoria de Lakoff e Johnson diz que nossa mente possui funcionalidade corporificada. Essa mudança de entendimento traz consigo uma revolução paradigmática que passa a focalizar, principalmente, as seguintes questões:

- A mente é corporificada;
- Nosso pensamento emerge, em sua maioria, de um nível inconsciente, diferentemente de um pensamento racional consciente de base cartesiana, pois o processamento dos constructos linguísticos e

conceituais são ativados através dos domínios evocados e que estão na base da produção de nossa linguagem;

- A formulação de conceitos abstratos é fundamentalmente metafórica, entendida através de nossa experiência e não pautada em uma logicidade abstrata, dissociada de qualquer vínculo experiencial;
- A mente não seria dividida em módulos, mas sim trabalharia com conexões neurais que seriam motivadas pela nossa interação e o modo como mesclamos linguagem, cognição e cultura.

É a partir dessa mudança paradigmática que se alicerça uma nova episteme cognitiva. O entendimento de mente autônoma cai por terra ante uma nova formulação da experiência, em que o sentido é construído na interação. As metáforas conceptuais já analisadas à exaustão por Lakoff e Johnson trouxeram uma base sólida para essa mudança. A metáfora passa a ser entendida como uma racionalidade imaginativa, que une razão e imaginação no processo de construção de sentido. É dessa forma que ela permite evocarmos relações como A VIDA É UM PERCURSO, observadas em enunciados tais como “esta longa estrada que percorro cheia de dificuldades”, “aos trancos e barrancos eu vou levando a vida” etc.

Assim, a pretensão cartesiana e de diversos filósofos de que existe, no mundo, um sentido *a priori* cai por terra; o sentido passa a ser uma construção multifacetada e totalmente dependente do modo como encaramos sociocognitivamente o mundo.

Lakoff e Johnson (1999) dizem que os mecanismos neurais e cognitivos que estão atrelados à nossa percepção dos sentidos são os mesmos que criam nosso sistema conceptual e nosso pensamento racional. Tal racionalidade não seria, portanto, um elemento essencial de separação entre os animais, mas nos colocaria em um *continuum* a eles. Somos diferenciados pela nossa capacidade de categorizar o mundo através de nossas experiências. Já com relação aos mecanismos neurais, sabemos que os neurônios são grandes conectores de informações. Isso talvez se aproxime da ideia inicial dos estudos cibernéticos, porém, como comprovado pelos estudos das Ciências Cognitivas atuais, os neurônios são estruturas conectadas ao nosso corpo e, através da transmissão de informações por meio de sinapses, auxiliam-nos na organização dos domínios cognitivos construídos por meio de nossas experiências sensório-motoras.

A metáfora seria uma das possibilidades dessa construção conceptual. Ela seria uma capacidade humana de projetar conceitos de nossas experiências. Se alguém

disser “Hoje acordei para cima”, as sinapses neuronais que são construídas para o entendimento de ESTAR PARA CIMA são associadas conjuntamente as sinapses neuronais de ESTAR BEM. Desse modo, compreendemos a metáfora conceptual ESTAR BEM É ESTAR PARA CIMA – escrita em caixa alta (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002]). Dessa forma, relacionamos uma experiência, que é a de estar em pé, com uma sensação positiva. O oposto também é evidenciado, “Hoje acordei para baixo”, que remete à metáfora conceptual ESTAR MAL É ESTAR PARA BAIXO.

Assim, fica clara a distinção de um mundo construído cognitivamente, ao invés de um mundo pronto e acabado, esperando apenas que nomeemos seus referentes. A construção cognitiva que realizamos acerca do mundo é intermitente e por isso os neurocientistas têm constantemente utilizado o termo *plasticidade cerebral*. Esse conceito retrata a capacidade de readaptação de nossa mente e do nosso corpo em resposta aos estímulos provenientes do meio em que vivemos (DAMÁSIO, 1996). Isso explica a capacidade que temos em reconfigurar os conceitos e, conseguinte, de mudarmos o modo como compreendemos o mundo. Lakoff e Johnson (1999), ao advogarem a favor da proposta experiencialista, mostram-nos que a metáfora é uma condição cognitiva humana que auxilia no processo de construção de sentido. Ao compararmos conceitos instituídos e os recriarmos, estamos reconfigurando o nosso modo de compreender o mundo e não somente comparando conceitos. Eis o motivo de pensarmos em um mundo experienciado, que se constrói a cada dia. O que entendemos por experiência é, pois, a concepção formulada por Lakoff (1987) de que a natureza biológica dos nossos corpos, o modo como fisicamente nos relacionamos com o meio, a genética humana que é herdada de geração para geração, nosso modo de organização social etc. se mesclam para a constituição da experiência humana e, portanto, de nosso conhecimento.

2.1. A metáfora como um processamento cognitivo

Nossa linguagem é o resultado de processamentos cognitivos que agregam cultura e linguagem. Desse modo, podemos dizer que um desses processamentos fundamentais para a nossa compreensão é a metáfora. Até mesmo a linguagem usada pela ciência, tida como livre de qualquer subjetividade, utiliza-se de construções amplamente metafóricas, “os alicerces de sua dissertação”, TEXTOS SÃO CONSTRUÇÕES, ou “a ciência antiga”, CIÊNCIA É ENTIDADE, “os lugares a que

esta pesquisa nos guiará” CIÊNCIA É PERCURSO etc. Ou seja, até mesmo o modo como produzimos o conhecimento científico é ancorado em uma linguagem metafórica, visto que a metáfora é a base de nossos processos cognitivos. Experienciamos o mundo metaforicamente.

Somos capazes de compreender o enunciado “os alicerces de sua dissertação” como sendo de base metafórica porque, inicialmente, detectamos aquilo que os autores chamam de metáforas linguísticas, encontradas no nível da expressão linguística. Subjacente a elas, estão as metáforas conceituais, que organizam os conceitos e os projetam em nossa linguagem.

Por sua vez, Kövecses (2005) nos alerta para a existência de onze componentes que constituem a metáfora. Seriam eles,

1. Domínio-fonte
2. Domínio-alvo
3. Base experiencial
4. Estruturas neurais no cérebro correspondentes a (1) e (2)
5. As relações existentes entre (1) e (2)
6. Expressões linguísticas metafóricas
7. Mapeamentos
8. Acarretamentos
9. Mesclagens
10. Realizações não-linguísticas
11. Modelos Culturais

Esses onze componentes são fundidos na produção da metáfora e estruturam-na como um fenômeno linguístico, conceptual, sociocultural, corporal e neuronal. A construção da metáfora envolve dois grandes conceitos: um domínio-fonte (1) e um domínio-alvo (2), sendo (1) mais físico e (2) mais abstrato. Já a base experiencial em (3) nos auxilia a inferir a projeção de ambos os domínios, como, por exemplo, em ESTAR BEM É ESTAR PARA CIMA, em que temos uma sensação relacionada a uma base corpórea.

As estruturas neurais sugeridas em (4) tratam exatamente do modo como nossas experiências são estruturadas e conectadas em nossa mente. Um exemplo seria o de que quando as estruturas mentais que correspondem aos domínios de sensação positiva, ESTAR BEM, são acionadas, as estruturas que correspondem à ESTAR PARA CIMA também são.

As relações entre fonte e alvo sugeridas em (5) dizem respeito ao fato de que um domínio-fonte pode ser relacionado com diversos outros domínios-alvo, bem como um domínio-alvo se relacionar com outros domínios-fonte. Como por exemplo, o

domínio VIAGEM pode ser aplicado tanto à VIDA quanto ao AMOR: A VIDA É UMA VIAGEM; O AMOR É UMA VIAGEM. Ex: “Nesta longa estrada da vida, vou correndo e não posso parar” (Estrada da Vida, música de Milionário e José Rico), ou “Veja a que ponto chegou nossa relação?”.

Em (6), a relação tratada é a expressão linguística que surge através da ligação entre os domínios fonte e alvo. Essas expressões linguísticas emergem dos domínios conceptuais, como, por exemplo, quando dizemos “longa estrada da vida” sendo uma metáfora linguística, inferida através da metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM.

Em (7), o componente diz respeito aos mapeamentos que relacionam os domínios e tornam possível a correspondência entre eles. Nesse momento, aquilo que é correspondente entre os domínios acaba sendo projetado no domínio-fonte e no domínio-alvo, bem como aquilo que não traz correspondência entre os domínios acaba por não ser focalizado por nós, através da metáfora. No exemplo O AMOR É UMA VIAGEM, a metáfora conceptual relaciona os atributos relacionados aos domínios AMOR e VIAGEM:

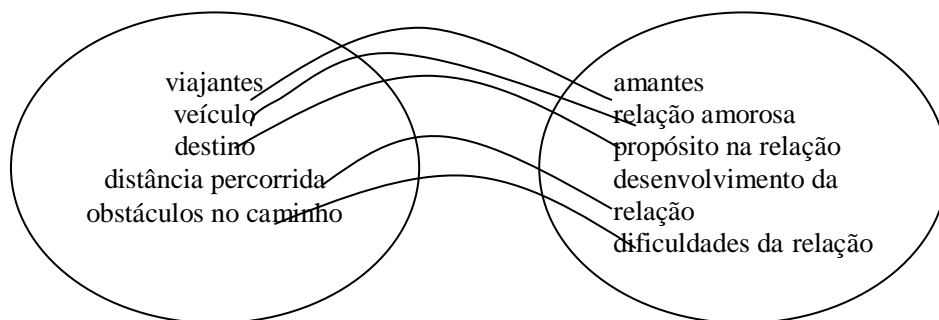


Figura 9: mapeamento entre domínios AMOR e VIAGEM retirado de Lakoff (1987)

Além das correspondências que surgem dos mapeamentos, existem os acarretamentos, ou inferências (8), que seriam informações adicionais. No exemplo anterior, se o veículo quebra, podemos tentar conduzir a relação de outra forma, o que pode significar, inclusive, abandonar a relação e tentar outra. Em (9), a relação tratada é a de *blend*, ou mesclagem. A projeção de um domínio-fonte em um domínio-alvo pode gerar mesclagens, como em “ele estava tão furioso que saía fumaça de seus ouvidos”. A pessoa com raiva seria o domínio-alvo e a fumaça, que sairia de um contêiner, seria o domínio-fonte. A mesclagem surgiria da compreensão de um contêiner com ouvidos, de onde sairia a fumaça, sendo que esse mesmo contêiner pode ser uma pessoa. Isso

ocasiona uma mescla entre os conceitos, sem a unidirecionalidade entre domínio-fonte e domínio-alvo, ou seja, ocorre a fusão dos domínios, como um contêiner possuir ouvidos.

Entendemos, pois, a metáfora como uma integração conceptual, mantendo a proposição de Lakoff e Johnson (1999) de que a metáfora seria um elemento de base no processo cognitivo. As integrações seriam um processo complementar que, a partir das relações entre domínios estáveis, faz resultar um espaço emergente, ou, como definem Fauconnier e Turner (2002), um espaço mescla. Esse novo espaço seria o resultado da compressão de espaços mentais, indo além do efeito metafórico de projeção de um domínio-alvo a um domínio-fonte e, conseguinte, indo além da unidirecionalidade metafórica, como vimos no exemplo. Kövecses (2005), que também advoga ser a metáfora o resultado de um *blend*, segue esse mesmo raciocínio.

Um dos trabalhos de referência sobre o assunto que envolve a discussão sobre metáforas conceptuais e mesclagens foi escrito por Grady, Oakley e Coulson (1999). Os autores salientam que, enquanto nas obras de Lakoff e Johnson temos explicitamente uma teoria da metáfora, nas obras de Fauconnier e Turner encontramos uma teoria mais abrangente, indo além dos estudos sobre a metáfora. Grady, Oakley e Coulson (1999), assim como Feltes (2007), consideram ambas as teorias como sendo complementares. A própria descrição dos mapeamentos entre os domínios, que vimos aqui em (7) e de inferências (8), baseadas em Kövecses (2005), já significa uma ampliação na teoria da metáfora conceptual inaugurada por Lakoff e Johnson. Assim, a metáfora conceptual é o resultado de diversas integrações e formada a partir da relação entre esquemas e *frames*.

Em (10), são tratadas as realizações não linguísticas das metáforas. Através da metáfora conceptual **IMPORTANTE É CENTRAL** podemos perceber, por exemplo, em um evento importante, as pessoas de maior *status* se sentarem nos lugares mais centrais dos eventos e as demais pessoas se sentarem nos lugares mais periféricos. E por fim, em (11), as metáforas são tratadas como realizações culturais, ou seja, as estruturas cognitivas que surgem são representações sociocognitivas que atrelam o cultural à produção de linguagem. Com isso, Kövecses (2005) compreende a metáfora como sendo um fenômeno linguístico, conceptual, sociocultural, neural e corpóreo.

2.2. A Teoria Cognitiva da Metáfora e a Cultura: universais e variações

Como dissemos anteriormente, Kövecses (2005) afirma ser a metáfora um fenômeno linguístico, conceptual, sociocultural, neural e corpóreo. Isso significa que a noção que criamos a respeito dos universais e das variações da metáfora depende de nossa experiência sociocultural, da relação neuro-corpórea e do processamento cognitivo. Esse processo produz preferências cognitivas e estilísticas influenciadas diretamente pelos fatores supracitados. Não se trata de mera estilística linguística ou de variação nesse nível da linguagem. A variação da qual nos referimos reflete o modo como determinada cultura constrói suas concepções de mundo.

A grande distinção entre universais e variações recai sobre a concepção de metáforas primárias, proposta por Grady (1997). Para o autor, as metáforas primárias seriam formadas inconscientemente, através de nossa experiência cotidiana, visto que as experiências corpóreas que os seres humanos realizam são universais: vemos o mundo direcionados para frente, andamos para frente, temos dois braços, duas pernas, deitamos, levantamos etc. Vale lembrar que o fato de essas metáforas primárias serem apreendidas universalmente não significa que sejam inatas (FELTES, 2007). Elas são evocadas através de mapeamentos cognitivos imediatos, sem a necessidade de uma intermediação cultural, processadas por conexões neurais, como diz Feldman (2006).

As metáforas primárias são construídas pelo fato de nos locomovermos pelo mundo, experienciarmos nossos aspectos corpóreos e, desse modo, sistematizarmos essas experiências através de esquemas de base. Lakoff e Johnson (1999) mostram algumas metáforas primárias baseadas nos estudos de Narayanan (1997),

Quadro 2: metáforas primárias (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p.50)

AFEIÇÃO É CALOR: “Eles me receberam calorosamente”.
FELIZ É PARA CIMA: “Eu estou para cima hoje”.
INTIMIDADE É ESTAR PRÓXIMO: “Não nos vemos há anos e por isso nós estamos desafeiçoados”.
DIFICULDADE É ALGO PESADO: “Ela está sobrecarregada de atividades”.
MAIS É PARA CIMA: “Os preços estão altos”.
SIMILARIDADE É PROXIMIDADE: “A cor de sua blusa está parelha com a de Joana D’arc”.
ESCALAS LINEARES SÃO CAMINHOS: “A inteligência de Raimundo vai além da conta”.
TEMPO É MOVIMENTO: “Nem vi a hora passar”.
ESTADOS SÃO LUGARES: “Eu estou imerso em uma depressão muito forte”.
MUDANÇA É MOVIMENTO: “Meu carro está indo fazer a revisão do chassi”.
PROPÓSITOS SÃO DESTINOS: “Ele ainda vai chegar ao mesmo lugar que o Pelé jogando bola”.
PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS: “Ele espera agarrar a chance de ser um bom jogador”.
CAUSAS SÃO FORÇAS FÍSICAS: “Eles empurraram o projeto de lei por todo o Congresso”.
CONHECER É VER: “Eu vejo o que você me diz”.

Assim, a concepção de universais metafóricos parte, sobremaneira, do modo como nos relacionamos corporalmente com o mundo e de como essas experiências são estruturadas através da relação sensorial e neural, uma vez que nossa estrutura corpórea é a mesma, independente da cultura.

Nesse sentido, podemos dizer que as metáforas primárias representam os padrões genéricos, baseados nos esquemas imagéticos, como afirma Grady (2005). Alguns autores sugerem distinções entre o que seriam metáforas primárias e complexas (GRADY, 1997), metáforas de esquemas imagéticos e metáforas de constelação (BALDAUF, 1997), ou ainda metáforas primárias e metáforas congruentes (KÖVECSES, 2005).

De acordo com Kövecses (2005), as metáforas congruentes agregam as experiências socioculturais às estruturas das metáforas primárias. Kövecses analisa a metáfora primária PESSOA COM RAIVA É UM CONTÊINER COM PRESSÃO, como em “eu estou com tanto ódio que acho que irei explodir”.

Ele comprova a existência dessa metáfora em diversas culturas, como no Japão, na Hungria, Polônia, China etc. Essa condição da metáfora primária pode causar a impressão de que ela seja um universal. Vejamos o mapeamento da metáfora primária:

PESSOA	—————	CONTÊINER
RAIVA	—————	CONTEÚDO
ESCALA	—————	FLUÍDO
PRESSÃO SUBJETIVA	—————	PRESSÃO INTERNA
AGITAÇÃO PSICOSSOMÁTICA	—————	AGITAÇÃO DO FLUÍDO
LIMITES DO SUJEITO	—————	LIMITES DO CONTÊINER
PERDA DE CONTROLE	—————	EXPLOSÃO

Conforme evidenciado no mapeamento acima, os dois domínios, PESSOA COM RAIVA e CONTÊINER, compartilham alguns atributos. Porém, se levarmos em consideração a localização da raiva no interior do corpo, veremos que esse entendimento é construído diferentemente pelas culturas. Por exemplo:

Japão: RAIVA ESTÁ NO ESTÔMAGO

Zulu: RAIVA ESTÁ NO CORAÇÃO

China: RAIVA ESTÁ VOANDO PELO CORPO (Como um fluido de gás)

Essas metáforas são congruentes por sofrerem a influência direta da cultura em questão. As metáforas primárias recebem contornos específicos quando analisadas socioculturalmente, causando variações metafóricas (KÖVECSES, 2005).

Schröder (2008, p. 50), por exemplo, explica que a cultura zulu entende o conceito de raiva como estando no coração, diferente do inglês, que utiliza mais a metáfora do coração associada ao amor:

O envolvimento do coração na metáfora RAIVA É NO CORAÇÃO recorre a um local menos comum em línguas ocidentais. Quando a metáfora do CORAÇÃO é usada em inglês, ela é associada ao amor. Em zulu, ela é aplicada para denominar o local de vários estados, por exemplo, paciência e impaciência, tolerância e intolerância etc. Esses exemplos ilustram como uma metáfora no nível genérico torna-se uma metáfora específica em dependência da respectiva cultura.

Isso revela outra concepção sobre a metáfora, como lembra Schröder: o alcance que uma metáfora pode ter em determinada cultura. Como a metáfora em Zulu mantém diversos domínios-alvo para o coração, como paciência, raiva, tolerância etc. ela acaba abrangendo um escopo maior do que no inglês, por exemplo, que, em maior frequência, associa metaforicamente o coração ao amor.

Os valores culturais estão intimamente associados ao modo como realizamos as metáforas congruentes, que constata, por exemplo, comportamentos sociais. Um bom exemplo disso é tratado por Kövecses (2005) quando analisa a metáfora AMOR É UMA VIAGEM em contextos comunicativos norte-americanos e britânicos. Os britânicos utilizam muito mais a metáfora AMOR É UMA VIAGEM para tratar das relações de outras pessoas do que da própria relação, enquanto na cultura norte-americana existe uma marca determinante dessa metáfora para o relato de sua própria experiência, o que refletiria, segundo o autor, uma maior extroversão dos norte-americanos.

Assim, a distinção entre metáforas primárias e congruentes são decisivas para o entendimento de universais e variações metafóricas, constatando que as metáforas primárias podem resultar em variações, de acordo com cada cultura.

2.3. A Metáfora como rede de integrações

Grady, Oakley e Coulson (1999, p.426) usam um interessante exemplo para falar sobre as redes de integrações através da metáfora NAVIO É ESTADO, nos EUA: “Com Trent Lott como líder da maioria no Senado, e Gingrich no comando da Casa, a lista para a direita poderia desestabilizar todo o navio de Estado”. Tanto Lott quanto Gingrich são senadores norte-americanos e a relação que existe entre o Estado e um

navio faz com que essa metáfora seja entendida. Porém, como mostrado pelos autores, essa metáfora é composta por diversas outras, fruto de uma rede de integrações que são associadas por nós para essa compreensão:

Nação – Navio

- Políticas nacionais/ações – Curso do navio
- Determinação da política nacional/ações – Modo de controlar o navio
- Sucesso nacional/melhoria – Movimento do navio à frente
- Fracasso nacional/problemas – Naufrágio/problemas no navio
- Circunstâncias que afetam a nação – Condições do oceano

Mapeamentos

- Ação é movimento de impulsão
- Cursos de ação são caminhos
- Tempo é movimento
- Relação social é proximidade física
- Circunstâncias são condições do tempo
- Os estados são localizações

O que aparenta ser apenas uma metáfora convencional é, na verdade, uma complexa rede de integrações conceptuais. A projeção seletiva dos dois espaços de *input* de uma imagem são inconsistentes com a nossa compreensão do domínio de origem - duas pessoas cuja presença seja suscetível a deixar um navio à deriva -. A teia de conexões subjacentes a esse constructo nos permitem fazer inferências a partir da mescla. Quando nos deparamos com o enunciado, podemos facilmente deduzir que a forte mudança para o conservadorismo pode levar à instabilidade política.

2.4. A Metáfora como Modelo Cognitivo e os conceitos de Vida e Morte

Conforme vimos anteriormente, as construções metafóricas sofrem variações quando observadas nas culturas. Vale salientar que essas variações culturais não universalizam o conceito no interior da referida cultura, mas, certamente, traduzem um pensamento majoritário, ou ainda, uma noção geral compartilhada pela sociedade. Isso significa que também existem variações intraculturais sobre os conceitos, como bem nos

lembra Kövecses (2005). Um bom exemplo disso é sugerido por Balaban (1999), que compara a metáfora conceptual SABER É VER em contextos religiosos.

Os *pilgrims*, ou peregrinos norte-americanos, não utilizam essa metáfora, pois a concepção que eles constroem sobre o saber é algo restrito a Deus, ou seja, a sabedoria é algo superior e inatingível ao ser humano. Isso faz com que eles não concordem com expressões como “eu vejo a verdade em suas ações”, que seria alicerçada pela metáfora VER É COMPREENDER. Os *pilgrims* utilizam outras metáforas para se referirem ao conhecimento, como MENTE É RECIPIENTE DE SABEDORIA, “Minha mente está aberta ao divino”, ou até mesmo CORAÇÃO É RECIPIENTE DE SABEDORIA, “Eu sei disto, pois está em meu coração”, mas nunca em uma relação direta com a sabedoria ou o conhecimento.

Dentre diversos conceitos que podem ser construídos diferentemente pelas culturas, iremos abrir destaque a partir deste ponto para dois deles em especial, que contribuirão para a nossa análise: VIDA e MORTE. É notório que esses conceitos sejam de conhecimento de todas as culturas, mas, baseados na proposta de metáforas primárias e congruentes podemos perceber uma grande variação no modo como cada sociedade os concebe.

Köves (2002) fez um estudo comparativo do conceito de VIDA entre os Estados Unidos e a Hungria e chegou à seguinte conclusão: os norte-americanos tendem a usar com maior recorrência a metáfora VIDA É UM BEM PRECIOSO e VIDA É UM JOGO, enquanto os húngaros utilizam mais frequentemente metáforas como VIDA É GUERRA e VIDA É UM COMPROMISSO. Esses resultados foram atribuídos pelo pesquisador por estarem atrelados a fatores socioculturais bem marcados, como, por exemplo, o fato de a Hungria ter sofrido muito com guerras, construindo, assim, uma semântica de vida extremamente hostil, enquanto que nos Estados Unidos a vida é valorizada como algo precioso ou um jogo.

Lakoff e Turner (1989), por exemplo, mapearam algumas metáforas concernentes aos conceitos de VIDA e MORTE, vejamos algumas delas:

- VIDA É DIA
- MORTE É NOITE
- VIDA É CHEGAR
- MORTE É PARTIR
- A VIDA É UMA JORNADA
- A MORTE É O FIM DA JORNADA

Percebemos a formação de projeções para os conceitos de VIDA e MORTE, como relacionar a VIDA a uma jornada, fundamentada no esquema origem, caminho e meta, enquanto a MORTE estaria exatamente no fim dessa jornada, VIDA É UMA JORNADA, MORTE É O FIM DA JORNADA DA VIDA. Outra projeção esquemática traz a VIDA como dia e a MORTE como noite, o que implica outras projeções metafóricas de acordo com cada cultura, como a VIDA sendo a luz e a esperança, e a MORTE inferida como o fim da luz e o fim da esperança, ou ainda a relação entre MORTE e trevas, escuridão etc. Além disso, a VIDA é chegada e a MORTE, a partida, quando o bebê nasce, ele chega, e quando o ente morre, ele parte.

Esses esquemas metafóricos são bem dirimidos pela cultura ocidental e compartilhados quase sistematicamente entre os países do ocidente. O cenário do funeral, que caracteriza a MORTE, é experienciado como “perda” do ente. Isso constrói cenários e *scripts* de um lugar triste. Vale lembrar que mesmo entre ocidente e oriente pode haver variações entre esses conceitos que estejam atreladas a questões políticas, sociais, religiosas etc., ocasionando, inclusive, as variações intraculturais que resultam em sistematizações metafóricas distintas.

Nesses termos, fica evidenciado que a relação entre VIDA e MORTE sempre é de oposição. Enquanto a VIDA é luz, esperança, jornada, chance, a MORTE é escuridão, fim da esperança, fim da jornada, fim da chance etc.: “Minha vida sempre seguiu pelo caminho da justiça”, “Enquanto há vida, há luz”, “Acabou-se a caminhada dele” e muitos outros enunciados formulados através dessa relação.

Podemos concluir, portanto, que os conceitos de VIDA e MORTE possuem uma estrutura bastante complexa, e são construídos por meio de nossas relações corpóreas com o ambiente em nosso entorno associadas às nossas experiências socioculturais.

3. ESTADO DA ARTE

Neste capítulo, pretendemos mostrar algumas pesquisas que analisaram a metáfora sob o enfoque teórico-metodológico da Linguística Cognitiva, construindo, desse modo, um breve Estado da Arte da pesquisa no Brasil com relação à metáfora.

Começamos pela dissertação de mestrado de Morgana Rossetti, defendida em 2006, pela Universidade de Caxias do Sul, sob a orientação da professora Elisa Battisti. O título de seu trabalho é “Metáforas e Metonímias da Felicidade: um estudo de língua e cultura”. Em sua metodologia, a autora apresenta a proposta através de uma pesquisa, segundo a autora, de cunho “antropológico e linguístico” e, portanto, retrata a necessidade de se criar uma proposta coerente com ambas as áreas de conhecimento.

A pesquisa é quali-quantitativa, uma vez que é feita a coleta de dados através de *corpora*, que se dá através de entrevistas de falantes nativos do Rio Grande do Sul, bem como a análise de fichas sociais, que dividem os falantes através de variáveis sociais, relacionadas ao gênero (são vinte falantes ao todo, sendo dez homens e dez mulheres). A autora segue uma metodologia que busca, através da análise dos *corpora*, evidenciar dados que sejam relevantes com relação ao conceito “felicidade” e, a partir daí, inferir possíveis relações culturais que abarcariam esse conceito, através da análise das metáforas linguísticas colhidas das entrevistas.

Outro trabalho é a dissertação de mestrado escrita por Robledo Esteves Santos Pires, defendida em 2008, na Universidade Federal de Juiz de Fora, com o título “O AMOR É UMA VIAGEM: a teoria cognitivista da metáfora e o discurso amoroso no cancionário popular brasileiro” tendo como orientadora a professora Maria Margarida Martins Salomão.

Dentro da proposta metodológica, o autor coletou, através de 712 canções dos mais variados compositores, expressões metafóricas que relacionavam o conceito amor de uma forma metafórica, de acordo com a teoria da metáfora conceptual. O que o autor chama por “canções populares” são exatamente as canções sertanejas, que são ouvidas por grande parte da população brasileira, divididas em dois grandes gêneros: “urbano” e “de raiz”.

Desse modo, o autor cataloga as expressões metafóricas, chamadas por ele por metáforas lexicais, para inferir o domínio conceptual, através da metáfora conceptual. Com isso, Pires constata que em 72% das 712 músicas foram encontradas metáforas do

amor, criando, desse modo, uma clara remissão que relaciona a música sertaneja à projeção metafórica do amor no discurso musical.

A tese de doutorado, com o título “A Guerra nas palavras: uma análise crítica da metáfora conceptual na retórica dos presidentes G. W. Bush Jr. e de seus colaboradores”, é uma pesquisa de Sérgio Nascimento de Carvalho, na Universidade Federal Fluminense, orientada pela professora Solange Coelho Vereza.

Metodologicamente, o autor se propõe a apresentar a metáfora focalizando o domínio semântico da “guerra” e, através de *corpus* formado a partir de leitura do jornal *The New York Times*, retirar do discurso do presidente G. W. Bush os enunciados que corroborem a construção de metáforas de guerra, relacionados ao 11 de setembro, conhecido como “o ataque às Torres Gêmeas”, apelido dado ao World Trade Center.

A delimitação do *corpus* se deu entre 11 de setembro de 2001 – dia do atentado – e 19 de março de 2003, período em que os EUA atacaram o Iraque. O autor buscou esse *corpus* por acreditar que o mesmo trata as notícias com o mínimo possível da chamada “linguagem fictícia”, corroborando a aplicação teórica. O texto é qualitativo de cunho descritivo. Objetiva coletar as metáforas linguísticas através de palavras-chave como “crime” e “guerra”, criando uma catalogação discursiva de marcas inferenciais sobre o discurso de guerra do então presidente dos EUA, no período pesquisado.

Vereza (2010, p. 209), orientadora da pesquisa acima, fala, inclusive, sobre nichos metafóricos, como um nível discursivo e argumentativo de análise:

Como a metáfora sistemática, o nicho metafórico enfoca o fenômeno da figuratividade como um recurso organizacional do discurso (retomando a sua função na *dispositio* e não apenas na *elocutio*), criando, cognitivamente, redes de sentido, com uma função primordialmente argumentativa. Ao contrário da metáfora sistemática, o nicho metafórico não remete a uma única metáfora cognitiva (mesmo que textualmente específica), mas a toda uma rede metafórica que vai sendo tecida em uma unidade semântico-discursiva (um parágrafo, por exemplo) no texto.

Assim como os trabalhos apresentados, nossa pesquisa tem como objeto de estudo a metáfora. Acreditamos, porém, que nossa análise seja distinta das demais propostas por considerarmos uma categoria analítica diferenciada para o estudo da metáfora, o Bloco Construcional (BC). Através de metodologia qualitativa, buscamos coletar e analisar as metáforas relacionadas aos conceitos de “vida” e “morte”, no poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Partiremos da análise das metáforas linguísticas encontradas no *corpus*, analisadas via introspecção, que

constituam os chamados Blocos Construcionais (BCs). Essa categoria de análise, pensada por nós, entende que os BCs são agregadores de enunciados formulados, em seu nível semântico, por uma mesma metáfora conceptual, constituindo, portanto, um padrão discursivo. As metáforas analisadas são subdivididas em metáforas primárias, que evidenciam a relação sensório-motora, e metáforas congruentes, que apontam a variação cultural existente no discurso.

Nossa proposta traz para o cerne dos estudos linguísticos a constatação de que a linguagem não pode ser pensada dissociadamente da relação cognição e cultura. A cultura passa a ser elemento vital do modo como produzimos linguagem, sendo a metáfora uma evidência empírica dessa imbricação. Autores já citados como representantes da Linguística Cognitiva nesta pesquisa servem de referência teórica.

4. METODOLOGIA

Para analisar os Blocos Construcionais (BCs) resultantes das metáforas primárias e congruentes do *corpus Morte e Vida Severina*, utilizamos uma metodologia qualitativa pautada na introspecção (TALMY, 2000). A introspecção consiste na análise individual do pesquisador, que busca acessar os conteúdos conceituais subjacentes à estrutura da linguagem. Em nosso caso, são focalizadas as construções metafóricas dos conceitos de VIDA e MORTE. Tais conteúdos revelam aquilo que está subjacente ao discurso, ou seja, o que o alicerça. Esta pesquisa está inserida no quadro da *fenomenologia* conceptual, pois busca compreender como tal estrutura conceptual subjaz a linguagem.

Conforme apresentado no capítulo 1, os BCs constituem Padrões Discursivos. Nesse sentido, analisamos oito BCs do poema *Morte e Vida Severina*, considerados os mais relevantes para a nossa análise. Nosso foco se ateve aos domínios conceituais de VIDA e MORTE, a partir dos quais realizamos um mapeamento introspectivo no qual identificamos as construções metafóricas subjacentes ao BC específico.

Conjuntamente à metodologia da introspecção, Talmy aconselha relacionarmos os dados introspectivos às análises que derivam de outras metodologias. Em nosso caso, a introspecção passa a ser associada à avaliação de contextos e da estrutura cultural. Isso se evidencia em nossa análise das metáforas primárias (GRADY, 1997), formuladas através do modo como relacionamos os esquemas sensorio-motores às metáforas congruentes, que, por sua vez, nos permitem, através dessa relação, a associação com os *frames* concernentes ao sertão pernambucano.

As metáforas de VIDA e MORTE, portanto, molduram determinada perspectiva do sertão pernambucano de modo a nos permitir a configuração de um cenário particular, seus sujeitos e suas formas de vida. Aqui, a noção de focalização, *gestalt*, é fundamental, pois é através dela que determinados aspectos metafóricos serão evidenciados, como, por exemplo, quando digo “minha vida caminha em direção à seca”, entendemos que, subjacente ao linguístico, encontramos a metáfora primária VIDA É ORIGEM/CAMINHO/META (OCM), sendo isso evidenciado através do esquema OCM e a relação que é feita com a VIDA. A VIDA passa a ser o TRAJETOR desse percurso, sendo que a META é a seca. Porém, o que está sendo focalizado é o CAMINHO, uma vez que é dito que a vida “caminha”. Essa metáfora primária, VIDA É OCM, é

entendida contextualmente através da associação ao *frame*, por intermédio da metáfora congruente (KÖVECSES, 2005).

Assim, pretendemos criar um quadro analítico que evidencie quais metáforas podem ser atribuídas aos *frames* relativos ao sertão nordestino, e como podemos subdividi-las em metáforas primárias e congruentes. A noção de foco é decisiva para entendermos em que dimensão a metáfora será mapeada dentro do BC, já que é através da associação entre esquemas, domínios e *frames* que construímos as metáforas, não sendo, portanto, possível a dissociação de nossa percepção sensorial de um contexto cultural.

5. ANÁLISE DOS DADOS

5.1. Bloco Construcional 1:

Metáfora Primária VIDA É LIGAÇÃO e VIDA É PARTE/TODO

Metáfora Congruente SUJEITO SERTANEJO (SEVERINO) É MODO DE VIDA e SUJEITO SERTANEJO É MODO DE MORTE

BC 1
<p><i>Somos muitos Severinos</i></p> <p><i>iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande</i></p> <p><i>que a custo é que se equilibra,</i></p> <p><i>no mesmo ventre crescido</i></p> <p><i>sobre as mesmas pernas finas,</i></p> <p><i>e iguais também porque o sangue</i></p> <p><i>que usamos tem pouca tinta.</i></p> <p><i>E se somos Severinos</i></p> <p><i>iguais em tudo na vida,</i></p> <p><i>morremos de morte igual,</i></p> <p><i>mesma morte severina,</i></p> <p><i>que é a morte de que se morre</i></p> <p><i>de velhice antes dos trinta,</i></p> <p><i>de emboscada antes dos vinte,</i></p> <p><i>de fome um pouco por dia</i></p> <p><i>(de fraqueza e de doença</i></p> <p><i>é que a morte severina</i></p> <p><i>ataca em qualquer idade,</i></p> <p><i>e até gente não nascida).</i></p> <p>(MELO NETO, 2000, p. 46)</p>

Percebemos nesse BC a construção de duas metáforas primárias, VIDA É LIGAÇÃO e MORTE É LIGAÇÃO. Essa ligação permite a associação entre o conceito de VIDA e o conceito de SUJEITO SERTANEJO, bem como o conceito de MORTE ao de SUJEITO SERTANEJO, formando, desse modo, a metáfora congruente.

Desse modo, a VIDA e a MORTE passam a ser associadas aos sujeitos que vivem no sertão.

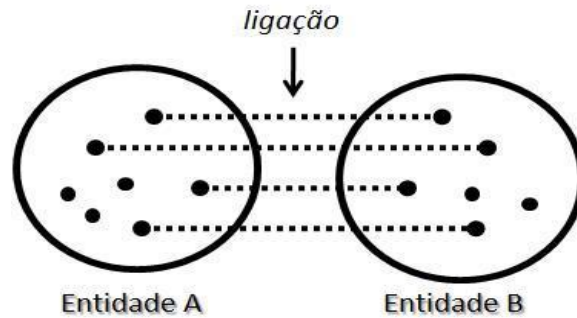


Figura 10: esquema LIGAÇÃO.

O efeito de integração, entre as metáforas primárias e congruentes, é realizado considerando o contexto cultural. Severino, nome próprio de alguém que narra a própria história de vida no poema, é ligado a um “modo de viver no sertão”. Assim, é criada uma associação entre esse Severino e outros Severinos, nome comumente dado aos demais moradores daquela região. Nesse ponto, é possível inferirmos a metáfora primária VIDA É PARTE/TODO, uma vez que conseguimos associar a concepção de SUJEITO SERTANEJO à concepção de Severino.

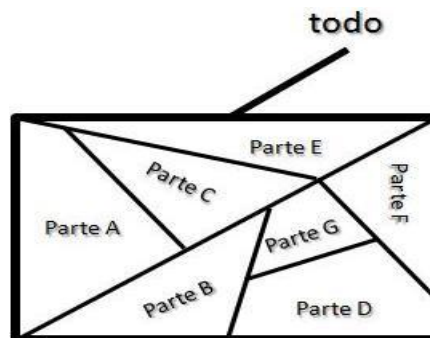


Figura 11: esquema PARTE/TODO.

Em seguida, a comparação começa a ser feita com relação às características desses sujeitos: “cabeça grande que a custo se equilibra [...] pernas finas [...] sangue com pouca tinta”. Todas essas características são iguais na vida de todos os Severinos, e a partir delas podemos inferir a metáfora congruente SUJEITO SERTANEJO É MODO DE VIDA. Do mesmo modo, podemos evidenciar as características da morte: “velhice antes dos trinta [...] fome um pouco por dia [...] de emboscada antes dos vinte”. Através desses fragmentos, podemos inferir a metáfora congruente SUJEITO SERTANEJO É MODO DE MORTE, tendo em sua base a metáfora primária MORTE É PARTE/TODO. Essas duas construções metafóricas tecem todo o BC em tela, além de se constituírem por esquemas associados, LIGAÇÃO e PARTE/TODO (BERGEN; CHANG, 2003).

Como podemos notar, é associada à conceptualização de “vida severina” que encontramos relações como “cabeça grande; ventre crescido; pernas finas; sangue com pouca tinta; iguais”. Tais constructos edificam cognitivamente a conceptualização de “vida severina” como algo igual a todos, formando o conceito de “vida sofrida”. Esses elementos constituem o domínio SUJEITO SERTANEJO, bem como o conceito de “vida sofrida” nos ajuda a pensar no domínio MODO DE VIDA. Essa metáfora é congruente, resultante da integração entre SUJEITO, VIDA e MORTE, como ilustrado no mapeamento abaixo.

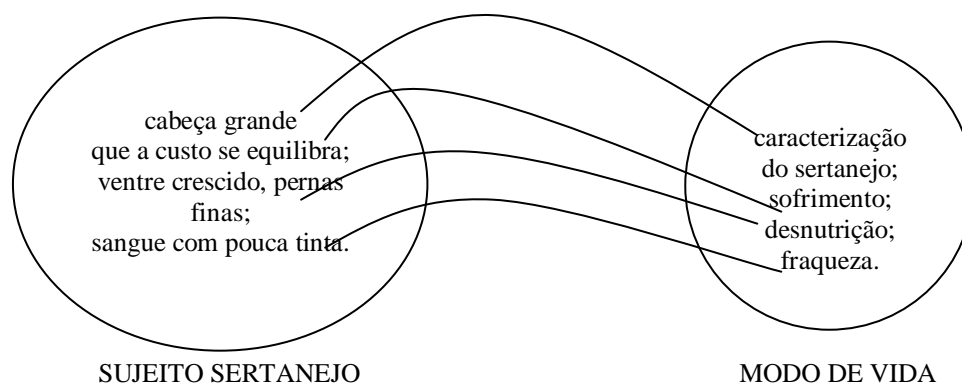


Figura 12: mapeamento metafórico SUJEITO SERTANEJO É MODO DE VIDA

Já para o domínio “morte severina”, encontramos: “velhice antes dos trinta; emboscada antes dos vinte; fome um pouco por dia; fraqueza, doença, qualquer idade, gente não nascida”. Esses conceitos constroem a projeção de “morte severina”, também compartilhada por todos, e mantém a perspectiva de que, se morreram, foi em decorrência de uma “vida sofrida”.

A relação entre o SUJEITO SERTANEJO é, portanto, comparada a um MODO DE MORTE, de acordo com os elementos linguísticos que retiramos do *corpus* e com a inferência cultural que evidenciamos.

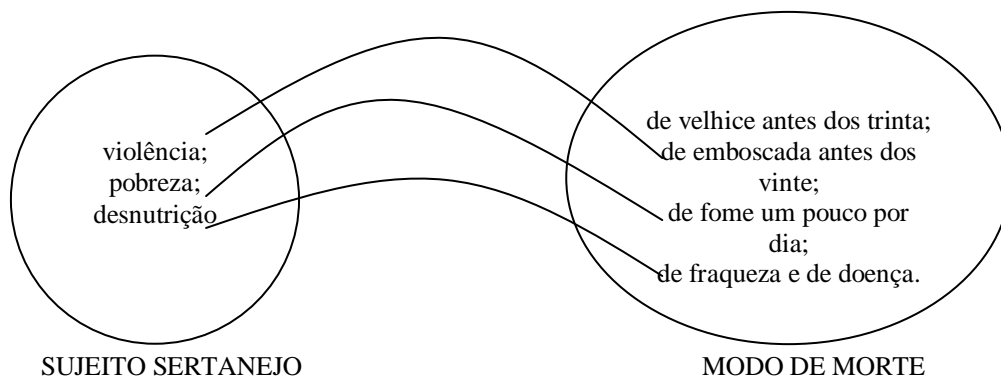


Figura 13: mapeamento metafórico SUJEITO SERTANEJO É MODO DE MORTE

A diferença entre as construções metafóricas de vida e morte é que, na metáfora SUJEITO SERTANEJO É MODO DE VIDA, as características do Severino compõem o SUJEITO SERTANEJO, saindo, portanto, do domínio-fonte para o alvo. Já no mapeamento SUJEITO SERTANEJO É MODO DE MORTE, as características de morte do Severino se encontram no MODO DE MORTE, o que ocasiona o efeito inverso, tendo as características, nesse caso, no domínio-alvo e não no domínio-fonte, SUJEITO SERTANEJO. Isso comprova a noção de mapeamento metafórico e não unidirecionalidade, uma vez que essa construção metafórica é composta por uma integração conceptual, que compartilha conceitos entre os domínios.

Através de ambas as construções, podemos perceber que o sujeito Severino, expresso inicialmente através de substantivo próprio, começa a ser compreendido como um adjetivo, “severino”, pois da relação do sujeito, que é um SUJEITO SERTANEJO, com o meio, surge um modo de vida e de morte, “vida e morte severina”.

Somos capazes de construir um modelo cultural através dessa relação, que evidencia modos de viver e morrer no sertão nordestino. As inferências culturais que começamos a construir por meio de simulações (FELDMAN, 2006) e MCIS é a de que a VIDA naquela região específica do sertão nordestino é sofrida e a MORTE o fim da vida sofrida. Ou seja, A VIDA só traz marcas de sofrimento e a MORTE marca o fim desse sofrimento. Os conceitos acerca dos sujeitos sertanejos se constituem de uma imagem homogênea e isso cria uma relação entre o Severino e os demais, que, também, são Severinos no nome, constituindo uma “vida severina” e uma “morte severina”, um MODO DE VIDA E DE MORTE, condizentes com um SUJEITO SERTANEJO.

A metáfora congruente em tela é, portanto, o resultado da integração realizada entre as metáforas primárias, VIDA É LIGAÇÃO e VIDA É PARTE/TUDO, e os *frames* do sertão nordestino.

5.2. Bloco Construcional 2:

Metáfora Primária MORTE É ORIGEM/CAMINHO/META

Metáfora Congruente MORTE É PARTIDA

BC 2
<p>— <i>Finado Severino, quando passares em Jordão e os demônios te atalharem perguntando o que é que levas...</i></p> <p>— <i>Dize que levas cera, capuz e cordão mais a Virgem da Conceição.</i></p> <p>— <i>Finado Severino, etc. ...</i></p> <p>— <i>Dize que levas somente coisas de não: fome, sede, privação.</i></p> <p>— <i>Finado Severino, etc. ...</i></p> <p>— <i>Dize que coisas de não, ocas, leves: como o caixão, que ainda deves.</i></p> <p>— <i>Uma excelência dizendo que a hora é hora.</i></p> <p>— <i>Ajunta os carregadores que o corpo quer ir embora.</i></p> <p>— <i>Duas excelências...</i></p> <p>— <i>... dizendo é a hora da plantação.</i></p> <p>— <i>Ajunta os carregadores [...].</i></p> <p>(MELO NETO, 2000, p. 52)</p>

A metáfora primária MORRER É ORIGEM/CAMINHO/META (OCM), analisada por Lakoff e Turner (1989) na pesquisa sobre os conceitos de VIDA e MORTE, também alicerça os enunciados desse BC. O esquema OCM sustenta a construção conceptual, permitindo que façamos a analogia entre o caminho e a morte, uma vez que, ao partir, sempre chegaremos a algum lugar. Vale salientar que a *gestalt* no BC está focalizada no CAMINHO, ou seja, no trajeto que vem sendo percorrido pelo Severino, ao invés da ORIGEM ou da META, uma vez que o BC enfatiza o caminhar do sujeito.



Figura 14: Esquema ORIGEM/CAMINHO/META. Na ORIGEM estaria o conceito MORTE, explicitado através do ato de morrer. Porém, o enfoque é todo centralizado no CAMINHO que vem sendo percorrido.

A partir da metáfora primária podemos chegar ao entendimento da metáfora congruente em voga, que focaliza o CAMINHO trilhado pelo sujeito após sua morte. Na trajetória desses caminhos, os cantadores que celebram a missa fazem remissão a “Jordão”, rio de grande importância religiosa e que se encontra entre Israel e Jordânia: “Finado Severino, quando passares em Jordão e os demônios te atalharem perguntando o que é que levas...”. Reforçando a ideia de morte como partida, a trajetória do morto envolve o encontro com “demônios”, “excelências”, “carregadores” etc., bem como a possibilidade de se levar objetos durante o percurso, tais como “cera, capuz e cordão mais a Virgem Conceição”.

Vamos construindo, assim, as inferências culturais ao mesmo tempo em que evocamos a metáfora congruente MORTE É PARTIDA, que focaliza o CAMINHO, ou a trajetória que vem sendo percorrida pelo Severino finado, presente em todo o BC. Em outras palavras, embora, cognitivamente, acionemos o esquema OCM, os atributos que são evocados para a construção metafórica se centram apenas no CAMINHO. Vejamos o mapeamento a seguir:

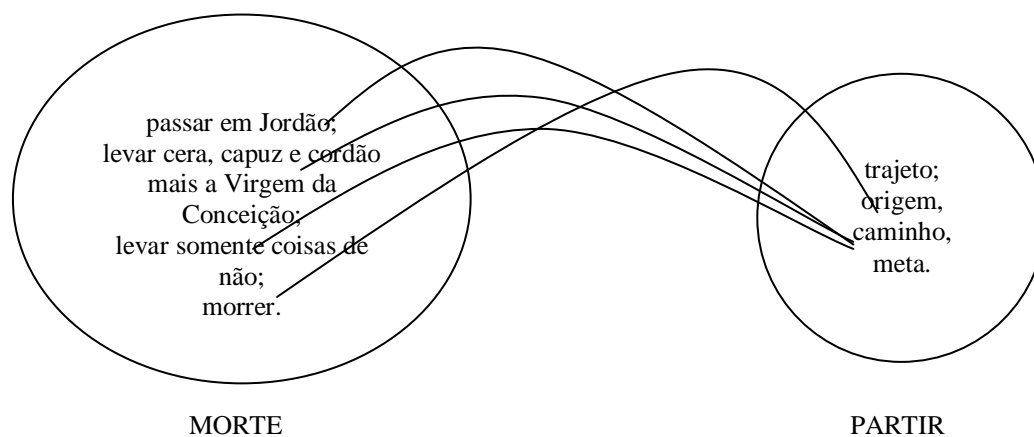


Figura 15: mapeamento metafórico MORTE É PARTIR

É desse modo que o esquema imagético, constituidor da metáfora primária, auxilia na compreensão da metáfora congruente, uma vez que a trajetória da morte é associada ao caminho que é feito pelo sujeito. O acionamento do *frame* em questão nos permite relacionar o defunto e os demônios que são encontrados no caminho, a possibilidade de se levar coisas como sede em sua caminhada etc. Além disso, através do processamento dos *frames*, podemos inferir as experiências culturais que ocasionam a integração das metáforas, como visto anteriormente, uma vez que a relação entre o domínio da religião, “passar em Jordão, levar cera, capuz, a Virgem” etc. e o trajeto trilhado pelo defunto são evidências da cultura local, resultando na compreensão de que

se trata de uma marcha fúnebre. A morte, portanto, é compreendida como um deslocamento e o fato de morrer se torna a ORIGEM do caminhar.

5.3. Bloco Construcional 3:

Metáfora primária MORTE É LIGAÇÃO

Metáfora Congruente MORTE É ENTIDADE e SUJEITO SERTANEJO É MODE DE VIDA

BC 3
[...]
<i>só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva; só a morte tem encontrado quem pensava encontrar vida, e o pouco que não foi morte foi de vida severina (aquela vida que é menos vivida que defendida, e é ainda mais severina para o homem que retira).</i>
(MELO NETO, 2000, p. 52-53)

Nesse BC, a metáfora primária MORTE É LIGAÇÃO se faz presente, permitindo-nos relacionar os conceitos.

Através da ligação inicial, observada na metáfora primária, percebemos mais uma referência à MORTE como sendo uma ENTIDADE. No fragmento subsequente, “só a morte vejo ativa, só a morte deparei, e às vezes até festiva”, a metáfora congruente MORTE É ENTIDADE é entendida como um acontecimento ou algo com o que podemos nos deparar, inclusive, de um modo festivo. A relação que emerge é a de personificação da MORTE, o que possibilita a ativação de *frames* relacionados ao modo de viver sofrido dos habitantes do sertão nordestino, uma vez que a MORTE, enquanto ENTIDADE, acaba sendo íntima dos sujeitos do sertão, já que morrer por lá é uma coisa banalizada.

Na sequência do BC, existem referências à VIDA e à MORTE, “só a morte tem encontrado, quem pensava encontrar vida”. A MORTE se mantém como uma

ENTIDADE, como algo/alguém que podemos encontrar. Porém, aqui é feita a relação antagônica entre VIDA e MORTE, pois só se encontra a MORTE ao invés da VIDA.

Já no fragmento “e o pouco que não foi morte, foi de vida severina”, podemos inferir outra projeção, que remonta mais uma vez ao primeiro BC analisado, SUJEITO SERTANEJO É MODO DE VIDA, ou seja, a vida das pessoas ali encontradas, sempre regadas com muito sofrimento e miséria, “aquela vida que é menos vivida que defendida, e é ainda mais severina para o homem que retira”. Assim, a metáfora congruente MORTE É ENTIDADE pode ser mapeada da seguinte forma,

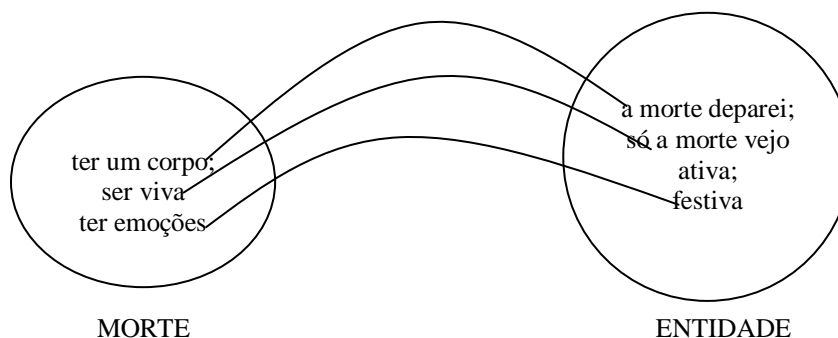


Figura 16: mapeamento metafórico MORTE É ENTIDADE

5.4. Bloco Construcional 4:

Metáfora Primária MORTE É LIGAÇÃO

Metáfora Congruente MORTE É ALGO PLANTADO

BC 4
<p>[...]</p> <p><i>Só os roçados da morte compensam aqui cultivar, e cultivá-los é fácil: simples questão de plantar; não se precisa de limpa, de adubar nem de regar; as estiagens e as pragas fazem-nos mais prosperar; e dão lucro imediato; nem é preciso esperar pela colheita: recebe-se na hora mesma de semear.</i></p> <p>(MELO NETO, 2000, p. 57-58)</p>

Nesse BC, partimos da metáfora primária MORTE É LIGAÇÃO para associarmos os dois domínios. Logo no início do BC, a MORTE é tratada como “roçados da morte”. Essa relação que surge através da metáfora primária faz com que evoquemos a metáfora congruente MORTE É ALGO PLANTADO. Essa metáfora é evidenciada em alguns fragmentos. Acerca dos “roçados da morte”, diz o retirante que “cultivá-los é fácil, simples questão de plantar”, não sendo necessário que se limpe, regue ou adube, de modo que, após o enterro do defunto, a própria terra cuida do processo de decomposição do morto, trabalho que é feito pelas “estiagens” e “as pragas”.

É considerando as semelhanças e as diferenças entre a atividade de plantio e o enterro do defunto que inferimos a metáfora MORTE É ALGO PLANTADO. Diferentemente do plantio, o enterro do defunto traz “lucro imediato”, pois, “nem é preciso esperar pela colheita, recebe-se na hora mesma de semear”, ou seja, o “semear” ao qual o retirante se refere faz analogia ao enterro do defunto.

Nessa relação, estão em jogo, portanto, aspectos relacionados às experiências culturais dos sujeitos, o que nos leva a evidenciar a metáfora congruente. Vejamos isso através do mapeamento:

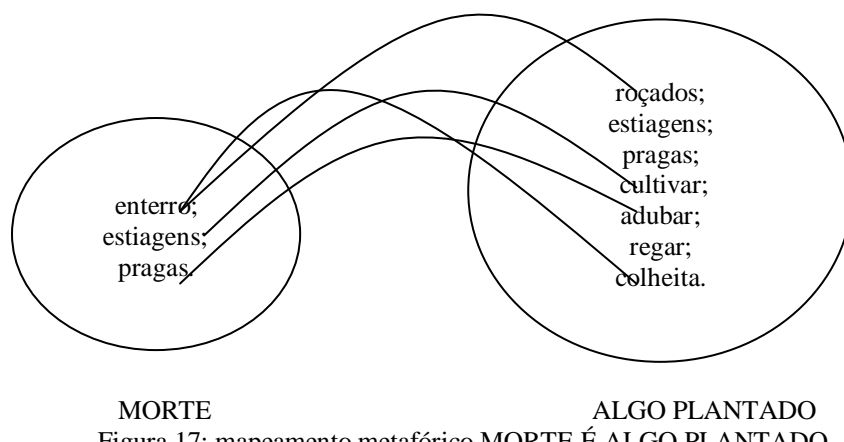


Figura 17: mapeamento metafórico MORTE É ALGO PLANTADO

Assim, o mapeamento entre os domínios nos evidencia que a MORTE é focalizada a partir do enterro, sendo que ALGO PLANTADO é focalizado a partir dos elementos que constituem o momento do plantio. O enterro equivale à colheita, uma vez que a fala da personagem é direcionada a essa comparação: enquanto no plantio se recebe apenas na hora da colheita, no enterro se recebe na mesma hora.

O cultivo e o adubo, no domínio da MORTE equivalem às estiagens e as pragas, no domínio ALGO PLANTADO. As larvas da terra se alimentam do defunto, bem como as secas terras do sertão que também decompõe o cadáver no domínio da

MORTE; já cultivar e adubar fazem florescer o plantio, no domínio ALGO PLANTADO.

5.5. Bloco Construcional 5:

Metáfora Primária MORTE É CONTÊINER

Metáfora Congruente MORTE É MORADIA

BC 5
[...]
— <i>Despido vieste no caixão, despido também se enterra o grão.</i>
— <i>De tanto te despiu a privação que escapou de teu peito a viração.</i>
— <i>Tanta coisa despiste em vida que fugiu de teu peito a brisa.</i>
— <i>E agora, se abre o chão e te abriga, lençol que não tiveste em vida.</i>
— <i>Se abre o chão e te fecha, dando-te agora cama e coberta.</i>
— <i>Se abre o chão e te envolve, como mulher com quem se dorme.</i>
(MELO NETO, 2000, p. 62)

Neste capítulo, o retirante assiste ao enterro de um trabalhador e as falas são de amigos que levaram o defunto até o cemitério. No BC em destaque, temos uma referência às condições de vida daquele que está sendo enterrado: “Tanta coisa despiste em vida que fugiu de teu peito a brisa”. A partir dos fragmentos seguintes, é possível se inferir a metáfora primária MORTE É CONTÊINER.

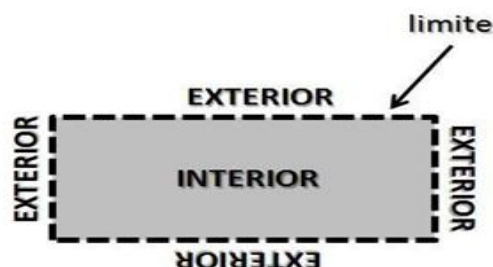


Figura 18: esquema CONTÊINER. A partir desse esquema, podemos construir a concepção de que, ao morrer, somos enterrados e, por isso, temos um novo lar, como um CONTÊINER que nos abriga.

Nos enunciados “E agora, se abre o chão e te abriga, lençol que não tiveste em vida. Se abre o chão e te fecha, dando-te cama e coberta”, “Se abre o chão e te envolve, como mulher com quem se dorme” percebemos a relação que fazemos entre o morrer e o ser enterrado ao viver e ter uma moradia. Essa relação envolve a concepção de casa como CONTÊINER, assim como o de estar enterrado como CONTÊINER. Essa experiência básica faz com que relacionemos ambos os conceitos à metáfora congruente MORTE É MORADIA.

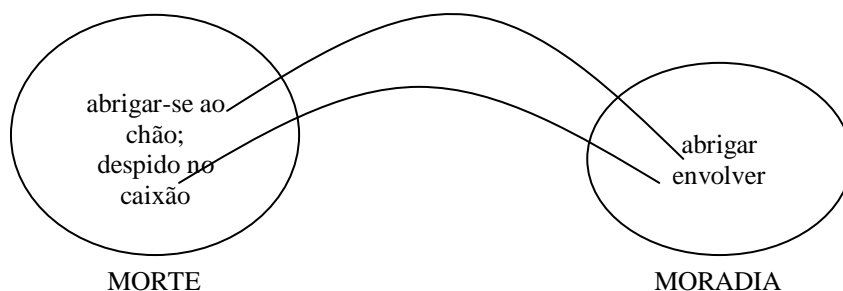


Figura 19: mapeamento metafórico MORTE É MORADIA

Ou seja, a metáfora congruente MORTE É MORADIA recupera os *frames* de uma moradia comum, de uma casa propriamente dita, em que MORADIA como CONTÊINER surge de uma relação com lar familiar. Essa metáfora focaliza a MORTE como a remissão dos problemas, o encontro de uma nova moradia, sendo o CONTÊINER o esquema que nos permite relacionar o fato de morrer ao fato de se encontrar um novo lar embaixo da terra, através da MORTE. Elementos como lençol, cama, mulher fazem parte do *frame* de um lar comum. Eles são projetados através da relação com o chão que envolve o defunto, criando a analogia do lar.

5.6. Bloco Construcional 6:

Metáfora Primária VIDA É LIGAÇÃO e VIDA É CONTÊINER

Metáfora Congruente VIDA É FOGO

BC 6
<p>[...]</p> <p><i>está apenas no pavio, ou melhor, na lamparina: pois é igual o querosene que em toda parte ilumina, e quer nesta terra gorda quer na serra, de caliça, a vida arde sempre, com</i></p>

a mesma chama mortiça.
(MELO NETO, 2000, p. 63)

Nesse BC, evidenciamos a metáfora primária VIDA É LIGAÇÃO, que nos permite fazer analogia com FOGO. Isso fica evidenciado no fragmento “está apenas no pavio, ou melhor, na lamparina: pois é igual o querosene que em toda parte ilumina”, e reforçado nos fragmentos que se seguem, “e quer nessa terra gorda quer na serra, de caliça, a vida arde sempre, com a mesma chama mortiça”. Além disso, outra metáfora primária, VIDA É CONTÊINER nos auxilia a entender o querosene como algo que está contido no FOGO, como sendo seu combustível, e na VIDA, como se ela fosse dotada de uma energia que fizesse com que os sujeitos se mantivessem vivos. Temos, portanto, dois esquemas associados para a produção metafórica básica. Essa relação fornece a base para a metáfora congruente VIDA É FOGO.

Os dois elementos, VIDA e FOGO, dialogam com o conceito de VIDA SERTANEJA, que é a vida de sofrimento, analisada no primeiro BC, sendo que a chama da vida que sai da lamparina é a “chama mortiça” do FOGO, ou seja, a chama que sai do querosene representando um viver de muito sofrimento. Essa chama nos passa a imagem de algo comum em toda a parte. Porém, mesmo com a possibilidade de ser uma “chama mortiça”, ou seja, uma chama que remete à morte por todas as condições de vida citadas, ela persiste. Desse modo, a analogia que surge é entre o querosene e a energia da vida. Aquilo que mantém a chama acesa, o querosene, mantém também a energia da vida.

Vejamos o mapeamento abaixo:

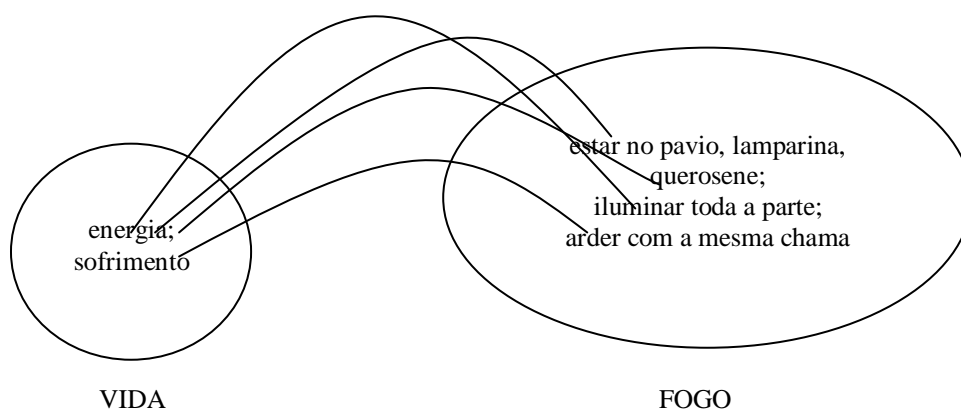


Figura 20: mapeamento metafórico VIDA É FOGO

Essa construção faz com que a base metafórica do BC seja relacionada aos *frames* do sertão e, desse modo, constituída através de uma metáfora congruente, sendo,

portanto, a VIDA relacionada à energia e sofrimento, e o FOGO relacionado a estar no pavio, iluminar, arder etc.

5.7. Bloco Construcional 7:

Metáfora primária VIDA É ORIGEM/CAMINHO/META e VIDA É CONTÊINER

Metáfora congruente NASCIMENTO É ENTRAR EM UM RECIPIENTE

BC 7
[...]
<i>Estais aí conversando em vossa prosa entretida: não sabeis que vosso filho saltou para dentro da vida? Saltou para dentro da vida ao dar o primeiro grito; e estais aí conversando; pois sabeis que ele é nascido. (MELO NETO, 2000, p. 72-73)</i>

Nesse BC, podemos inferir a metáfora primária VIDA É CONTÊINER. Essa metáfora nos auxilia a compreender a construção evocada pela expressão linguística “saltou para dentro da vida”, associada à metáfora VIDA É ORIGEM/CAMINHO/META, que direciona a trajetória pela qual a criança passa para nascer quando “salta” de um lugar ao outro, ou seja, sair da barriga da mãe e entrar em sua própria vida.

Essa metáfora vai sendo moldada por todo o BC em tela, sendo caracterizada pela ação de “entrar na vida” e, posteriormente, através das ações que são perceptíveis após o nascimento: “saltou para dentro da vida ao dar o primeiro grito”. Com isso, o nascer e o entrar em algum lugar se fundem, fazendo com que fique evidenciado o nascimento: “pois sabeis que ele é nascido”. Essa associação que realizamos com o *frame*, trazendo questões do meio sertanista e recuperando o contexto, constroem a metáfora congruente NASCER É ENTRAR EM UM RECIPIENTE

Desse modo, o nascer é focalizado como uma mudança de estado e isso se concretiza quando se entra no RECIPIENTE que, no caso, é a própria VIDA.

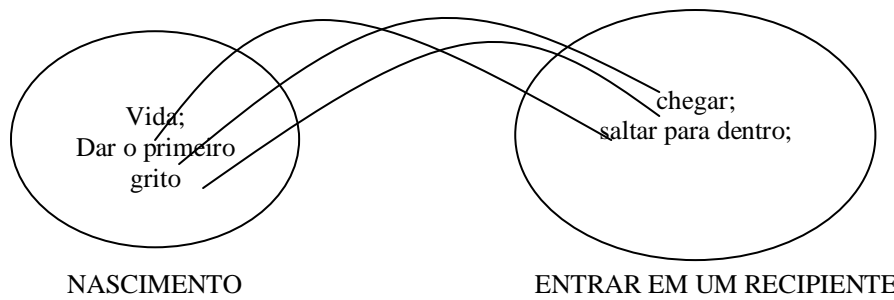


Figura 21: mapeamento metafórico NASCER É ENTRAR EM UM RECIPIENTE

O NASCIMENTO é compreendido através do fato de saltar para dentro, como entrar em um recipiente, bem como o fato de chegar, compreendido através do esquema ORIGEM/CAMINHO/META.

5.8. Bloco Construcional 8:

Metáfora Primária VIDA É LIGAÇÃO e VIDA É ESCALA

Metáfora Congruente VIDA É FÁBRICA

BC 8
<p>[...]</p> <p><i>E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica, vê-la brotar como há pouco em nova vida explodida; mesmo quando é assim pequena a explosão, como a ocorrida; mesmo quando é uma explosão como a de há pouco, franzina; mesmo quando é a explosão de uma vida severina.</i></p> <p>(MELO NETO, 2000, p. 80)</p>

Neste BC, temos o retirante observando o nascimento de mais uma “vida severina”, ou seja, de mais um menino pobre, sertanejo, sendo que a metáfora primária VIDA É LIGAÇÃO permite compreendermos a vida como uma fábrica, que produz novas vidas.

Além da ligação, existe outra metáfora primária construindo o BC, VIDA É ESCALA, pois através dela podemos compreender que a fabricação das vidas pode, inclusive, ser de diversos níveis “mesmo quando é uma explosão como a de há pouco, franzina”, criando uma analogia entre fabricar algo que seja pequenino, frágil com o nascimento de alguém, de um modo prematuro ou fragilizado.

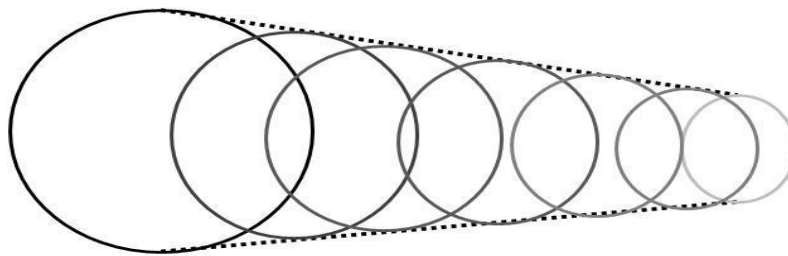


Figura 22: esquema ESCALA. A partir desse esquema, podemos compreender a vida sendo construída sob diversas medidas, como “pequena” e “franzina”

No fragmento seguinte, temos “mesmo quando é a explosão de uma vida severina”. Desse modo, a fabricação de “vida severina” será de mais uma vida sofrida, pequenina, magra etc., como na metáfora SUJEITO SERTANEJO É MODO DE VIDA. Aqui, a VIDA é entendida como algo que explode, sendo essa explosão o resultado da fabricação da vida. Realizamos, portanto, uma rede de integração entre as metáforas para entender o BC como um todo, ao relacionar as metáforas de ambos os BCs.

Nesse sentido, a ligação em questão, de VIDA como sendo o nascimento de uma vida sofrida, ou “vida severina”, e a FÁBRICA, como o elemento que constrói essa VIDA, possibilita o entendimento da metáfora congruente VIDA É FÁBRICA mapeada na figura abaixo.

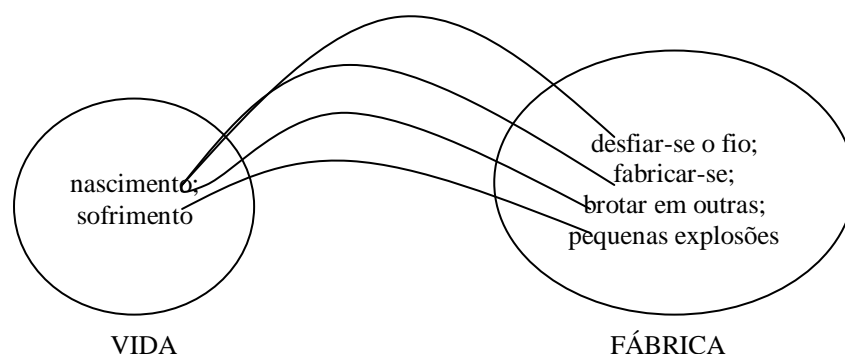


Figura 23: mapeamento metafórico VIDA É FÁBRICA

É através da relação metafórica entre vida e fábrica que evidenciamos uma relação de domínios da cultura. O nascimento é relacionado à VIDA, sendo, portanto

algo que pode ser fabricado, desfiado e também brotar, como algo produzido em uma FÁBRICA. Além disso, podem surgir pequenas explosões de “vida severina”, ou seja, podem nascer mais crianças condenadas ao sofrimento.

6. CONCLUSÕES

Podemos concluir com esta pesquisa que a metáfora se constitui como elemento fundamental de nossa linguagem, sendo estruturada a partir das experiências culturais e cognitivas. O modo como produzimos discurso implica um modo de compreensão de mundo, um modo de categorizá-lo. Isso ficou evidenciado através das metáforas que pudemos analisar no *corpus* em tela, *Morte e Vida Severina*.

Focalizamos dois conceitos, VIDA e MORTE, e através deles pudemos traçar uma relação cultural e cognitiva que envolve tais conceitos e o meio em questão, que, no caso, é o sertão nordestino da década de 50 do século passado. Embora o poema tenha sido escrito há algum tempo, percebemos o quanto as metáforas analisadas permanecem evidenciando o cenário do sertão, com os mesmos problemas daquela época.

Como pudemos compreender, as metáforas são elementos constituídos de uma simbiose que agrega nossa experiência corpórea com o mundo, nosso processamento cognitivo, sensório-motor e cultural. Dito de outro modo, a metáfora é resultado da relação corpo, ambiente e cultura. A linguagem que emerge em seu nível linguístico é o resultado de toda essa operação cognitiva realizada por nós, sendo, portanto, um guia para nosso sentido. Precisamos buscar o que subjaz a linguagem em seu campo do inconsciente cognitivo, como afirmam Lakoff e Johnson (1999), o que estaria na base das engrenagens cognitivas, que seriam exatamente os domínios cognitivos, como conseguimos observar em nossa análise.

A metáfora seria, portanto, instanciada em sua base pela nossa experiência corpórea, constituidora de nossos esquemas-imagéticos. O simples fato de nos locomovermos de um lugar ao outro em determinado percurso envolve a relação motora e perceptual, conjuntamente ao fato de construirmos padrões cognitivos que referenciem essa experiência, como ORIGEM/CAMINHO/META (LAKOFF, 1987). Essa relação primária de nossa experiência concretiza metáforas primárias como VIDA É PERCURSO, “Nessa longa estrada da vida”.

As metáforas primárias tiveram as seguintes recorrências:

Quadro 3 sobre a recorrência das metáforas primárias

VIDA	MORTE
VIDA É LIGAÇÃO – 3 ocorrências	MORTE É LIGAÇÃO – 3 ocorrências
VIDA É CONTÊINER – 2 ocorrências	MORTE É CONTÊINER – 1 ocorrência
VIDA É ESCALA – 1 ocorrência	MORTE É ORIGEM/CAMINHO/META – 1 ocorrência
VIDA É ORIGEM/CAMINHO/META – 1 ocorrência	MORTE É PARTE/TODO – 1 ocorrência
VIDA É PARTE/TODO – 1 ocorrência	
3 esquemas associados	1 esquema associado

Tivemos cinco metáforas primárias de vida e quatro metáforas primárias de morte construídas no interior de oito BCs. A maior recorrência de metáfora primária, tanto para vida quanto para morte, foi a metáfora relacionada ao esquema LIGAÇÃO. A ligação aconteceu quando houve a analogia envolvendo vida ou morte a um domínio conceptual referente a um objeto ou ente, como nas metáforas congruentes VIDA É FOGO, MORTE É ENTIDADE. Quando a relação foi entre vida ou morte e um domínio conceptual relacionado a um evento, como, por exemplo, na metáfora congruente MORTE É PARTIDA, tivemos outras metáforas primárias, como MORTE É ORIGEM/CAMINHO/META alicerçando-a.

As construções metafóricas que pudemos depreender do *corpus* são constituídas em uma cultura específica. O modo como se encara a VIDA e a MORTE na região do sertão pernambucano acaba sendo o resultado de toda uma experiência sociocognitiva do povo local com relação ao modo de lidar com esses conceitos.

No primeiro BC analisado, pudemos depreender a metáfora SUJEITO SERTANEJO É MODO DE VIDA e SUJEITO SERTANEJO É MODO DE MORTE. Essas duas construções metafóricas dizem muito a respeito da constituição cultural daquele lugar. Começamos a criar *frames* que vão além do próprio *corpus*. Em outras palavras, através dessas construções, conseguimos realizar inferências culturais, como nos modelos seguintes:

- SUJEITO SERTANEJO É MODO DE VIDA: remissão ao sertão nordestino; sofrimento, modo de viver naquele lugar; maioria pobre que ali reside; baixa expectativa de vida; aspectos físicos debilitados; associação

entre nome próprio Severino (substantivo) para nome comum “severino” (adjetivo) para explicar um modo de viver.

- SUJEITO SERTANEJO É MODO DE MORTE: remissão ao sertão nordestino; fim do sofrimento, modo de morrer naquele lugar; maioria pobre; fim da expectativa de vida; associação do nome próprio Severino (substantivo) para nome comum severino (adjetivo) para explicar um modo de morrer.

Tais construções, analisadas logo no primeiro BC, nortearam toda a compreensão das demais metáforas em tela. As metáforas VIDA É FOGO, VIDA É FÁBRICA etc. representam os modelos culturais concernentes aos *frames* e esquemas que vamos tecendo sobre o conceito de VIDA e, conseqüentemente, do sertão nordestino, bem como MORTE É ENTIDADE, MORTE É ABRIGO etc. relacionadas ao conceito de MORTE.

Os MCIs do sertão passam a emergir através das metáforas. Os modelos de VIDA SERTANEJA e MORTE SERTANEJA representam variações metafóricas que dizem respeito ao sertão nordestino. Podemos, desse modo, criar simulações das experiências vivenciadas pelos sujeitos da respectiva cultura. Eis a importância das metáforas analisadas, uma vez que elas se constituem exclusivamente considerando o contexto cultural específico do sertão, sendo, desse modo, o resultado da experiência sociocognitiva do povo que ali vive.

Criamos um quadro relacionando os dois tipos de metáforas encontradas em nossa análise, sendo subdivididas em metáforas primárias, relacionadas aos esquemas, e as metáforas congruentes, relacionadas aos *frames*, como salienta Kövecses (2005). Recapitulando, as metáforas primárias são constituídas pela experiência corpórea do sujeito com o meio circundante, enquanto as metáforas congruentes relacionam os sujeitos com o contexto e, conseqüentemente, à determinada cultura na qual está inserido.

Vejamos o quadro:

Quadro 4 sobre as metáforas primárias e as metáforas congruentes

Metáforas primárias	Metáforas congruentes
BC 1: VIDA É LIGAÇÃO / MORTE É LIGAÇÃO – VIDA É PARTE/TUDO / MORTE É PARTE/TUDO	BC 1: SUJEITO SERTANEJO É MODO DE VIDA / SUJEITO SERTANEJO É MODO DE MORTE
BC 2: MORTE É ORIGEM/CAMINHO/META	BC 2: MORTE É PARTIDA
BC 3: MORTE É LIGAÇÃO	BC 3: MORTE É ENTIDADE
BC 4: MORTE É LIGAÇÃO	BC 4: MORTE É ALGO PLANTADO
BC 5: MORTE É CONTÊINER	BC 5: MORTE É MORADIA
BC 6: VIDA É LIGAÇÃO / VIDA É CONTÊINER	BC 6: VIDA É FOGO
BC 7: VIDA É ORIGEM/CAMINHO/META – VIDA É CONTÊINER	BC 7: NASCIMENTO É ENTRAR EM UM RECIPIENTE
BC 8: VIDA É LIGAÇÃO / VIDA É ESCALA	BC 8: VIDA É FÁBRICA

No quadro 4, evidenciamos a recorrência das metáforas primárias e a construção das metáforas congruentes. Tivemos alguns esquemas associados constituindo a metáfora primária que nos permite inferir as metáforas congruentes. Tanto as metáforas primárias quanto as metáforas congruentes se mostram fundamentais para a construção do cenário do sertão e de sua cultura. Não podemos pensar em produção de metáfora dissociada de seu contexto. Isso serve como base para a produção discursiva através da tríade cognição, cultura e linguagem. A VIDA pode ser entendida como OPORTUNIDADE, GUERRA, SUJEITO SERTANEJO etc. e a MORTE como ESCURIDÃO, PASSAGEM, ENTIDADE de acordo com determinada variação cultural que, em nosso caso, focalizou o sertão nordestino.

Esta pesquisa nos permitiu compreender que a base metafórica é alicerçada na experiência corpórea. A partir dessa experiência é que se constrói todo o processamento cognitivo que culmina nas metáforas primárias e congruentes que envolvem nossa relação com determinados contextos. Isso significa que ao compreendermos as metáforas estamos, ao mesmo tempo, construindo uma compreensão experiencial relacionada a nosso aparelho sensório-motor. Existe, portanto, uma sistematicidade basilar em nossa forma de construir metáforas: o fato de nossa mente ser corporificada (LAKOFF; JONSON, 1999).

A percepção de que o discurso é formado por diversas partes que compõe o todo, através de fragmentos discursivos, permitiu-nos construir a categoria de análise Bloco Construcional (BC). O BC é formado através do pareamento entre forma/sentido auxiliando na formação conceptual dos padrões que constituem o discurso. Pode ser analisado sob diversos aspectos, seja através da metáfora, como fizemos em nosso trabalho, expressões idiomáticas, modelos de situação etc.

Nossa pesquisa focalizou a análise da metáfora. Porém, com os resultados obtidos começamos a pensar em pesquisas futuras, sobretudo uma pesquisa centrada na relação entre BCs, metáforas e Modelos Situacionais (ZWAAN, 1999). Entendemos que essa nova pesquisa nos trará subsídios para uma análise mais detalhada dos processos de compreensão de textos, bem como uma análise mais fina dos processamentos cognitivos que envolvem o discurso, uma vez que a compreensão não é feita de modo estanque, ela vai se construindo de acordo com o desenvolvimento discursivo. Eis o próximo passo.

REFERÊNCIAS

BALABAN, V. Self and agency in religious discourse: perceptual metaphors for knowledge at a Marian apparition site. In: *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 125-144.

BALDAUF, C. *Metapher und Kognition: Grundlagen einer neuen Theorie der Alltagsmetapher*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997.

BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. New York: Mouton, 2003.

BERGEN, B. K. Mental simulation in literal and figurative language. In Seana Coulson and Barbara Lewandowska-Tomaszczyk (eds.) *The Literal/Non-Literal Distinction*: John Benjamins, 2007.

BERGEN, B. K. e CHANG, N. Embodied Construction Grammar in simulation-based language understanding. In: OSTMAN, J-O, and FRIED, M. (orgs.). *Construction Grammar(s): Cognitive and Cross-Language dimensions*: John Benjamins, 2003.

BERLIN, B; KAY, P. *Basic Color Terms: their universality and evolution*. Berkeley: University of California Press, 1969.

BLACK, M. *Metaphor*. In: Black, M. (ed.) *Models and Metaphor*. New York: Cornell University Press, 1962.

CARVALHO, S. N. de. *A "GUERRA" NAS PALAVRAS: uma análise crítica da metáfora conceptual na retórica do presidente George W. Bush Jr. e de seus colaboradores*. Disponível em:

www.pglettras.uerj.br/linguistica/.../resumos/VIJELUERJ_SC_XXIII_R02.pdf.

Último acesso em 10/12/2010, às 21:00.

DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1996.

DUQUE, P. H. Teoria dos Protótipos: categoria e sentido lexical. In: *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: CIFEFIL – jan/abril, 2002.

DUQUE, P. H. *Modelo de Situação e compreensão de textos*. V Anais do ECLAE, mídia digital, 2011.

DUQUE, P. H. e COSTA, M. A. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EDUFRRN, 2011.

FAUCONNIER G.; TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2001.

FELDMAN, J. A. *From Molecules to Metaphors: a neural theory of language*. Cambridge: Bradford MIT Press, 2006.

FELTES, H. P. M. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERNANDES, T. F. T. D. Gêneros discursivos integrados em mídias diferenciadas. *Revista USP* n. 70, p. 120-127, junho/agosto, 2006.

FODOR, J. A. *The language of thought*. Hassocks, Sussex: The Harvester Press, 1976.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GRADY, J. E; OAKLEY, T; COULSON, S. Blending and Metaphor. In: STEEN, G; GIBBS, R. W. Jr. (Ed.). *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 101-124.

GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese PhD. University of California at Berkley, Department of Linguistics, Berkley, 1997.

_____. *Primary metaphors as inputs to conceptual integration*. *Journal of Pragmatics*, Odense, v. 37, 2005, p. 1595-1614.

JACOB, E. K.; SHAW, D. Sociocognitive perspectives on representation. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 33, p. 131-185, 1998.

KEMPTON, W. *The Folk classification of ceramics: a study of cognitive prototypes*. New York: Academic Press, 1981.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge University Press, 2005.

KÖVES, N. *Hungarian and American dreamworks of life*. Term paper – Department of American Studies, Eötvös Loránd University, Budapest, 2002.

LABOV, W. *Language in the Inner City*. Philadelphia: UPenn Press, 1973.

LAKOFF, G. e JOHNSON, 1980. *Metaphors we live by*. University of Chicago Press, 1980.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. de tradução de Mara Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. e TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. University of Chicago Press, 1989.

MINSKY, M. A. *Framework for representing knowledge: A. I. Memo 306*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1974.

MELO NETO, J. C. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

NARAYAN, S. Talking the talk is like walking the walk: a computational model of verbal aspect. *Proceedings of the Nineteenth Annual Meeting of the Cognitive Science Society*, 1997, p. 752-758.

ÖSTMAN, J e FRIED, M. (eds.), *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins 2005.

OUTHWAITE, W. *Understanding social life: the method called Verstehen*. London: George Allen e Urwin, 1975.

PIRES, R. E. S. *O AMOR É UMA VIAGEM: a teoria cognitivista da metáfora e o discurso amoroso no cancioneiro popular brasileiro*. Disponível em: www.bdt.d.ufjf.br/tde_busca/processaArquivo.php?codArquivo=243. Último acesso em 29/12/2010, às 11:41.

RICHARDS, I. A. *The Philosophy of Rethoric*. New York-London: Oxford University Press, 1936.

RADDEN, G. How Metonymic are Metaphors? In: BARCELONA, A. (ed.) *Metaphors and metonymy at the crossroads: a cognitive process*. New York: Mouton, 2005, p. 93-197.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (org.). *Metaphor and Thought*. Cambridge University Press, 1979, p. 284-324.

ROSCH, E. *Basic objects in natural categories*. *Cognitive Psychology*, n. 8, 1976, p. 383-439.

ROSSETTI, M. *METÁFORAS E METONÍMIAS DA FELICIDADE: um estudo de língua e cultura*. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tp/POSLetras/posgraduacao/strictosensu/letras/dissertacoes/dissertacao?identificador=49>. Último acesso em 29/12/2010, às 10:30.

SALOMÃO, M. M. M. *Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva*. II Fórum de Linguagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2006.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SCHRÖDER, U. A. *Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora*. São Paulo: Revista Alfa 52 (1), p. 39-56, 2008.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics, v. 1: concept structuring systems*. Cambridge: MIT Press, 2000.

_____. *Toward a Cognitive Semantics, v. 2: typology and process in concept structuring*. Cambridge: MIT Press, 2000a.

TANNEN, D. e WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. e GARCEZ, P. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: Age, 1987, p. 120-141.

VEREZA, S. C. O *Lócus* da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição no 41*, p. 199-212, 2010.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. trad. José Carlos Bruni. 5 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ZWAAN, R.A. Situation Models: the mental leap into imagined worlds. *American Psychological Society*. Florida: Blackwell Publishers, 1999.